

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LILIAN CONCEIÇÃO DA SILVA PESSOA DE LIRA

O CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA (CECUNE)  
E SUAS AÇÕES EDUCATIVAS

São Leopoldo

2006

LILIAN CONCEIÇÃO DA SILVA PESSOA DE LIRA

O CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA (CECUNE)  
E SUAS AÇÕES EDUCATIVAS

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Instituto Ecumênico de Pós Graduação em Teologia  
Área: Religião e Educação

Orientador: Dr. Evaldo Luiz Pauly

São Leopoldo

2006

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador:

---

Prof. Dr. Evaldo Luiz Pauly

2ª Examinadora:

---

Profa. Dra. Laude Erandi Brandenburg

3º Examinador:

---

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva

Dedico este trabalho a todas as pessoas que fazem o  
CECUNE, com cuja consciência de negritude me identifico;

a Carla Soares, minha amiga/irmã, cidadã negra brasileira, que  
sempre me acolheu com amor e carinho em terras gaúchas;

a Maria José, minha mãe, a Antônio José, meu pai,  
a Oberdan José e Antônio Carlos, meus queridos irmãos,  
que me possibilitaram crescer no seio de uma bela família  
negra nordestina;

a David, meu amado esposo, cidadão negro brasileiro,  
que tem sido meu companheiro na vida.

## **AGRADECIMENTOS**

À Junta Nacional de Educação Teológica (JUNET) da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) e ao Centro Universitário Metodista IPA, que patrocinaram os meus estudos do Mestrado.

Aos Bispos Maurício José Araújo de Andrade, Primaz e Diocesano de Brasília, e Sebastião Armando Gameleira Soares, ex-Diocesano de Pelotas e atual Diocesano do Recife, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil - IEAB, pela recomendação ao mestrado, e, acima de tudo, pelo apoio, pelos conselhos, pela amizade e pelo carinho que sempre me ofertaram.

Ao Seminário Teológico Anglicano do Recife – SAET, pela oportunidade de formação teológica.

À Srta. Carmem Inês Hallberg, funcionária da Biblioteca do Seminário Teológico Dom Egmont Machado Krischke – SETEK, pela presteza no atendimento.

À Sra. Anne Patterson, ao Sr. William J. Patterson e a St. Mark's Anglican Church, Barriefield, do Canadá, pelo solidário apoio financeiro.

À Sra. Sandra Andrade, seu esposo Dom Maurício Andrade, e seus filhos Lucas, Thiago e Pedro, que desde a minha chegada a Porto Alegre me possibilitaram um convívio familiar acolhedor e muito fraterno.

Ao professor Dr. Francisco Cetrulo Neto, Pró-Reitor Acadêmico do Centro Universitário Metodista IPA, que me apresentou a sedutora proposta de assumir esta pesquisa e que muito colaborou para que ela se tornasse possível.

À professora Ms. Luciana Campos de Oliveira Dias, amiga e colaboradora que contribuiu com importantes sugestões.

À Sra. Suzana Marisa Rodrigues Ribeiro e ao Sr. Juarez Ribeiro, Coordenadores do CECUNE, que abriram as portas de sua casa e colocaram à disposição os arquivos e o acervo de livros da ONG, contribuindo significativamente na realização desta pesquisa.

Aos professores Dr. Evaldo Luis Pauly e Dr. Gilberto Ferreira da Silva, do Instituto Ecumênico de Pós-graduação da Escola Superior de Teologia (IEPG-EST) e do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE), respectivamente, pela paciente e dedicada orientação na elaboração desta pesquisa.

Agradeço a Deus, pelas oportunidades que tem me concedido na vida. Dentre elas, a oportunidade de acesso à pós-graduação.

## **SINOPSE**

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa na área de Religião e Educação, com foco em uma experiência construída por um segmento social e sua resposta à necessidade de intervenção como sujeito histórico no complexo contexto das relações sociais demarcadas pelas relações raciais no Brasil. Apresentar o Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE), Organização Não Governamental porto-alegrense, que tem atuado há vinte anos no Estado do Rio Grande do Sul. A dissertação pretende destacar sua atuação no Movimento Negro e no Movimento Ecumênico; indicar suas ações educativas, como contribuições efetivas no processo contínuo e necessário de transformação da sociedade; bem como analisar alguns resultados de sua parceria com o Centro Universitário Metodista IPA, como um exemplo de ação educativa de inclusão de negras e negros carentes na universidade, propondo perspectivas que darão continuidade à pesquisa num posterior doutorado.

## **ABSTRACT**

This present work is a result of qualitative research in the religion and education area, its focus is in an experience constructed by a social segment which answers to the necessity of an intervention as a historical subject in the context of the social relations demarcated by the racial relations in Brazil. This work presents the Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE), a non-governmental organization from Porto Alegre city, which has acted in the State of Rio Grande do Sul for twenty years. This dissertation seeks to point out its action in the Black Movement and the Ecumenical Movement, and its educative actions as effective contributions in the continuous and necessary process of transformation of the society. As well, this work analyzes some results of its partnership with the Centro Universitário Metodista IPA as an example of educative action for inclusion of black poor women and men in the university, proposing perspectives which will give continuity of this research and the doctor's degree in the future



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1 (RE)CONHECENDO O CECUNE.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 – Para início de conversa.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 – O CECUNE no Movimento Negro .....</b>	<b>13</b>
<b>1.3 – A palavra de ordem é resistência.....</b>	<b>20</b>
<b>1.3.1 – As ações educativas de resistência como procedimentos             que promovem a educação .....</b>	<b>22</b>
<b>1.4 – Da organização do CECUNE.....</b>	<b>34</b>
<b>1.4.1 – Das pessoas associadas .....</b>	<b>34</b>
<b>1.4.2 – Da administração .....</b>	<b>35</b>
<b>1.4.3 – Da estrutura financeira e orçamentária do CECUNE .....</b>	<b>36</b>
<b>1.5 – O que quer dizer ‘ecumênico’ na nomenclatura do CECUNE?.....</b>	<b>37</b>
<b>2 O CECUNE NO MOVIMENTO ECUMÊNICO.....</b>	<b>40</b>
<b>2.1 – O que é ecumenismo?.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2 – Novos significados .....</b>	<b>46</b>
<b>2.3 – Tipos de Ecumenismo.....</b>	<b>48</b>
<b>2.3.1 – Ecumenismo institucional .....</b>	<b>48</b>
<b>2.3.2 – Ecumenismo doutrinal.....</b>	<b>49</b>
<b>2.3.3 – Ecumenismo espiritual .....</b>	<b>50</b>
<b>2.3.4 – Ecumenismo local ou de ‘base’ .....</b>	<b>51</b>
<b>2.3.5 – Ecumenismo secular .....</b>	<b>51</b>
<b>2.4 – O CECUNE no Movimento Ecumênico.....</b>	<b>52</b>

<b>3 PARCERIA CECUNE E IPA: UM EXEMPLO DE AÇÃO EDUCATIVA DE INCLUSÃO DE NEGRAS E NEGROS CARENTES NA UNIVERSIDADE.....</b>	<b>57</b>
<b>3.1 – O que são Ações Afirmativas?.....</b>	<b>57</b>
3.1.1 – Cotas como proposta política de Ação Afirmativa.....	59
<b>3.2 – “O início da integração para a mudança”.....</b>	<b>60</b>
<b>3.3 – “Em que medida o ecumenismo define e sustenta a concepção de ação educativa de inclusão do CECUNE no IPA? Como se dá a relação de parceria do IPA com o CECUNE?” .....</b>	<b>69</b>
3.3.1 – Do ponto de vista do CECUNE.....	69
3.3.2 – Do ponto de vista do IPA.....	71
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>74</b>
<b>Anexo 1.....</b>	<b>77</b>
<b>Anexo 2.....</b>	<b>80</b>
<b>Anexo 3.....</b>	<b>82</b>
<b>Anexo 4.....</b>	<b>84</b>
<b>Anexo 5.....</b>	<b>86</b>
<b>Anexo 6.....</b>	<b>87</b>
<b>Anexo 7.....</b>	<b>89</b>
<b>Anexo 8.....</b>	<b>90</b>
<b>Anexo 9.....</b>	<b>91</b>
<b>Anexo 10.....</b>	<b>93</b>
<b>Anexo 11.....</b>	<b>96</b>
<b>Referências ... ..</b>	<b>101</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de Teologia, na área de Religião e Educação, e que por isso mesmo reúne as temáticas 'ecumenismo', como viés teológico, e 'ações afirmativas' (AA) como viés da educação, apresentando o papel de uma organização não governamental (ONG) porto-alegrense que há cerca de vinte anos tem atuado no Estado do Rio Grande do Sul, em favor do resgate da história do povo negro, a partir da promoção de estudos sobre a história e a cultura da África, como componentes imprescindíveis à formação histórica do povo brasileiro.

A autora dessa dissertação é uma jovem mulher cidadã negra nordestina, que tem a alegria de ser filha de Maria José Pereira da Silva e Antônio José da Silva; irmã de Oberdan José da Silva e Antônio Carlos da Silva; ex-manicure; com mais de uma década de experiência como secretária-executiva, teóloga e diácona por vocação, anglicana por opção; casada com David Pessoa de Lira, também negro nordestino. Por ser teóloga, o maior desafio encontrado na elaboração desse trabalho se deu na apreciação e reflexão sobre as ações educativas propriamente ditas, mais especificamente no viés das ações afirmativas.

O Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE) é uma ONG que se organizou num período histórico brasileiro em que movimentos sociais e instituições se mobilizaram em busca de alternativas de mudança da realidade existente. Os objetivos do CECUNE, desde a sua fundação, tem sido preservar os valores da raça/etnia negra através da promoção de estudo da história do povo negro.

Para melhor compreender a origem e as ações dessa ONG, faremos uma breve incursão na história do Movimento Negro. Para tanto, contaremos com a importante colaboração do historiador Marco CARDOSO, apresentando suas características e seu desenvolvimento, até chegarmos na composição do CECUNE, percebendo suas ações de resistência como procedimentos que promovem a educação.

Ao final do primeiro capítulo, destacaremos a pergunta que procuraremos responder ao longo do segundo capítulo: O que quer dizer 'ecumênico' na nomenclatura do CECUNE? Apontando que o ser ecumênico tem a ver com a identidade negra das pessoas que compõem a organização.

No segundo capítulo, procuraremos responder o que vem a ser ecumenismo para o CECUNE. Veremos também os vários significados de ecumenismo a partir das contribuições de Juan B. NAVARRO e outros autores, e destacaremos os diversos modelos existentes, e perceberemos, a partir das entrevistas aos associados-fundadores do CECUNE, a participação desta organização no movimento ecumênico.

No terceiro e último capítulo, apresentaremos alguns resultados da parceria entre o CECUNE e o Centro Universitário Metodista IPA, procurando refletir sobre as percepções das duas instituições, a partir dos relatos de seus representantes entrevistados.

Como procedimentos metodológicos, a presente pesquisa qualitativa optou seguir as orientações de Howard S. BECKER, em que o autor indica a possibilidade de improvisação, alegando que pesquisadores qualitativos comumente encontram soluções *ad hoc* para os problemas de campo encontrados.<sup>1</sup>

Por isso, Durante o processo de investigação, foram utilizados diferentes instrumentos de coleta de dados (análise de documentos da ONG, jornais e revistas,

---

<sup>1</sup> Cf. BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 14.

observação assistemática e entrevistas através de questionários, respondidos por e-mail ou manualmente).

Para a apresentação do CECUNE, foram utilizadas consultas em diversos documentos, como: atas; estatutos; jornais e revistas editados pela ONG. O público-alvo para as entrevistas foi: associados-fundadores e associados-filiados da ONG, bem como uma liderança do Centro Universitário Metodista IPA.

Como referências bibliográficas, fez-se uso também de vários recursos disponíveis na Internet.

A pesquisa propõe-se a contribuir para que sejam ampliados os estudos sobre as ações afirmativas a partir da contribuição do CECUNE no Estado do Rio Grande do Sul, à medida que registra uma experiência que tem alcançado êxito e que por isso mesmo poderá servir de exemplo e estudo, para que seja adaptada a outras realidades, tendo como prioridade o acompanhamento e a análise de resultados acerca do ingresso de estudantes negros e negras na universidade; estimulando a continuidade da pesquisa num possível doutorado, buscando alternativas de intervenção na realidade que promovam a permanência e o sucesso desses ingressos no mundo acadêmico, possibilitando a contribuição com a transformação do atual contexto, em que a população negra tem uma modestíssima representação nas instâncias discentes e docentes das universidades brasileiras.

Por fim, ao final deste trabalho, estão onze anexos, com todas as entrevistas registradas integralmente.

## CAPÍTULO I

### (RE)CONHECENDO O CECUNE

Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra, desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas.<sup>2</sup>

#### 1.1 – Para início de conversa

O Centro Ecumênico de Cultura Negra - CECUNE, criado em 20 de março de 1987, inicialmente definido em seu estatuto<sup>3</sup>, como “sociedade civil sem fins lucrativos”, e, posteriormente, com a aprovação de um novo estatuto<sup>4</sup>, “associação, sem fins econômicos”, é uma Organização Não-Governamental (ONG), “de recorte

---

<sup>2</sup> **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2005, p. 12.

<sup>3</sup> CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA. Porto Alegre. **Estatuto do CECUNE**. 13 de out. 1992.

<sup>4</sup> CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA. Porto Alegre. **Estatuto do CECUNE**. 28 de nov.2005;

afro-étnico”<sup>5</sup>, “sem vínculos político-partidários, administrativos ou religiosos, com a proposta de ser um instrumento de assessoria para a comunidade negra”<sup>6</sup>, que desenvolve ações culturais de valorização, visibilidade e promoção da história da África e dos(as) afrodescendentes, em uma região colonizada por alemães, italianos e portugueses açorianos, em sua grande maioria.

O CECUNE é resultado de reuniões noturnas semanais, às sextas-feiras, de aproximadamente 12 pessoas, inicialmente realizadas no salão social da Igreja Metodista Central de Porto Alegre, localizado na Rua Duque de Caxias, no Centro de Porto Alegre.

Embora tenha sido criado em 1987, somente em 13 de outubro de 1992, a assembléia do CECUNE ratificou sua criação, registrando em ata a sua fundação.

Os objetivos permanentes do CECUNE eram, de acordo com o primeiro estatuto,

desenvolver o estudo e a compreensão da história do povo negro, bem como a assessoria a pessoas e entidades, no sentido de recuperar, preservar e cultivar os valores da raça negra, podendo, para tanto, promover e/ou participar de eventos culturais, artísticos, políticos e educacionais em qualquer parte do território nacional ou estrangeiro.<sup>7</sup>

Conforme o estatuto reformulado em 2005, os objetivos permanentes passam a ser assim redigidos:

I – a promoção do resgate, da preservação e da divulgação de manifestações culturais afro-brasileiras, podendo, para tanto, estimular e promover ações de pesquisa em qualquer campo do conhecimento humano, prestar assessoria a pessoas e entidades através de contatos, convênios, parcerias ou outras formas de relacionamento legalmente permitidas, em qualquer parte do território nacional ou fora dele;

II – o estímulo à criação de espaços dedicados à construção e defesa da cidadania do povo negro de ascendência africana, podendo, para isso disponibilizar assessoria jurídica gratuita de caráter suplementar, assessorar

---

SANTOS, André Luis. **Identidade Social Gaúcha: A Construção Histórica de um Campo de Disputas Simbólicas**. 2004, p.21. Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004.

<sup>6</sup> CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA. Porto Alegre. **Perfil Institucional do CECUNE**. 2004.

<sup>7</sup> CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA. Porto Alegre. **Estatuto do CECUNE**. 13 de out. 1992.

ou promover ações que garantam direitos estabelecidos ou que assegurem a construção de novos direitos; promover ações de capacitação e formação profissional que viabilizem a inclusão social;

III – a criação, o estímulo, a manutenção de sistemas de educação e assistência;

IV – a produção e veiculação de material multimídia de conteúdo formativo e informativo;

V – a promoção de e/ou participação em eventos culturais, artísticos, políticos e educacionais.<sup>8</sup>

Artigo 2º - As ações direcionadas à consecução dos objetivos sociais do CECUNE serão realizadas em estrita consonância com os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e eficiência.<sup>9</sup>

## 1.2 – O CECUNE no Movimento Negro

Para reconhecer e melhor entender a razão de ser do CECUNE, faz-se necessário também retomar um pouco do contexto da época de seu surgimento.

Como bem apresenta a cientista social Michelle CIRNE, em seu trabalho de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientada por Caleb Faria ALVES, concluído e aprovado em dezembro de 2004: “para situar a origem do CECUNE é importante considerar o CECUNE no Movimento Negro”<sup>10</sup>. Antes, porém, faz-se necessário conceituar movimento social, de onde destacaremos o Movimento Negro.

Como escreve Marcos CARDOSO<sup>11</sup>, por movimentos sociais denominamos os movimentos operários e populares, surgidos na década de 70, que contestavam com autonomia a ordem estabelecida, pautando-se na solidariedade e auto-ajuda.<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup> **Estatuto do CECUNE**. Artigo 1º, alíneas I, II, III, IV e V, 2005.

<sup>9</sup> **Estatuto do CECUNE**, Artigo 2º, 2005.

<sup>10</sup> CIRNE, Michelle. **A Negritude que encanta** – O Coral do CECUNE: Identidade Étnica e Sociabilidade, 2004. Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Bacharelado em Ciências Sociais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2004, p. 11.

<sup>11</sup> Marcos Antônio Cardoso é Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, e ativista do Movimento Negro.

<sup>12</sup> CARDOSO, Marcos. **O Movimento Negro**. Belo Horizonte: Maza Edições, 2002, p.13.



Movimento este surgido também das lutas quotidianas do povo negro brasileiro.<sup>13</sup> O chamado “novo sindicalismo”<sup>14</sup> que não tinha ligação com o Estado ou com os partidos políticos. Vários grupos passaram a se organizar na luta conjunta e solidária pela conquista ou pelo melhor atendimento de suas necessidades. Assim faziam as associações de moradores de bairros, os clubes de mães, os movimentos comunitários, as comunidades eclesiais de base da Igreja Católica, os movimentos de mulheres, e outros. Todas essas expressões tinham como força propulsora de suas ações a certeza de que “só com a luta se conquistam direitos”.<sup>15</sup>

A sociedade brasileira passa a viver um novo ambiente político onde os sujeitos coletivos lutam por conquistas e por melhorias na qualidade de vida, indo contra o poder estabelecido.

O que diferencia o Movimento Negro de outros movimentos sociais é o fato de ser ele fruto de uma “negatividade histórica”<sup>16</sup>. Um exemplo disto é a história do Rio Grande do Sul, de onde o CECUNE emerge para se contrapor à negação da história que invisibiliza<sup>17</sup> a contribuição do povo negro no crescimento econômico da região. Como registra Norton Figueiredo CORREA<sup>18</sup>: a “riqueza que a mão-de-obra escrava produziu, em seu todo e ao longo do tempo, na verdade construiu a economia do Rio Grande do Sul”.<sup>19</sup> Mas esse fato é pouco conhecido, como ele mesmo afirma.

Isso, entretanto, reflexo do forte racismo ainda reinante, é geralmente escamoteado pela história oficial, que prefere atribuir unicamente ao imigrante alemão e italiano o crescimento econômico regional. O que esses “historiadores” não

---

<sup>13</sup> CARDOSO, 2002, p. 17.

<sup>14</sup> CARDOSO, 2002, p. 13.

<sup>15</sup> CARDOSO, 2002, p. 14.

<sup>16</sup> CARDOSO, 2002, p.17.

<sup>17</sup> Essa invisibilidade teve diversas roupagens ao longo dos anos e desde sempre, negando a história real do povo negro. Exemplo disso é a Lei nº 10.639/2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

<sup>18</sup> Norton Figueiredo Correa é doutor em Ciências Humanas pela PUC/SP, pesquisador da história das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul por mais de vinte anos e docente na Universidade Federal do Maranhão.

<sup>19</sup> CORREA, Norton Figueiredo. Panorama das Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul, p. 9-44, *In*; ORO, Ari Pedro (Org.). **As Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, p. 12.

dizem é que quando o imigrante chegou de 1824 em diante, encontra uma economia em franco andamento com estradas, cidades, transportes – um Estado politicamente organizado, em suma – contando, até então, quase que exclusivamente com a mão-de-obra negra.<sup>20</sup>

É importante registrar que, no período posterior à abolição da escravatura, pessoas negras, ex-escravas, se organizaram em entidades religiosas e associações recreativas, sofrendo violentas perseguições políticas. O que mais adiante, em 1931, originou a primeira organização nacional negro-brasileira: a “Frente Negra Brasileira (FNB)”, que depois se tornou partido político, e, posteriormente, foi fechado em 1937 pelo golpe que instalou o Estado Novo no Brasil.

Em 1944, foi organizado o Teatro Experimental do Negro (TEN), no Rio de Janeiro, por Abdias do NASCIMENTO, grande pensador negro e senador da República, que desde a fundação do TEN defendia a luta pelo resgate das origens africanas dos negros e das negras brasileiras.<sup>21</sup> Usando as palavras do fundador do TEN, citadas por CARDOSO: “Nosso Teatro seria um laboratório de experimentação cultural e artística, cujo trabalho, ação e produção explícita e claramente enfrentavam a supremacia cultural elitista-arianizante das classes dominantes”.<sup>22</sup>

Em 1964, a ditadura militar impõe a desarticulação dos movimentos sociais e, conseqüentemente, do Movimento Negro.

A partir da década de 70, vive-se no Brasil uma apatia político-social. Tãmanha era a desmobilização social. O que Marcos CARDOSO denomina como “ausência quase absoluta do exercício pleno da cidadania e de canais eficazes de reivindicação”. A ditadura militar impunha imperiosa repressão e esse contexto tornou-se ambiente fértil para fazer brotar novamente a experiência dos quilombos,

---

<sup>20</sup> CORREA, 1994, p. 12.

<sup>21</sup> CIRNE, 2004, p. 12.

<sup>22</sup> CARDOSO, 2002, p. 33.

que se torna e permanece sendo referência até hoje para as lutas do Movimento Negro.

Nos primeiros anos da década de 70, o Movimento dá início a uma nova etapa de articulação. Mesmo frágil, une forças dentre vários grupos e inicia uma nova fase do movimento social com base discursiva na auto-afirmação e no resgate da identidade étnico-cultural. Retoma-se o teatro negro a partir do Centro de Cultura e Arte Negra – CECAN.

Em 1974, são realizadas as semanas afro-brasileiras pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Rio de Janeiro, a Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil – SECNEB, de Salvador, e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.<sup>23</sup> Na mesma época, surge em Salvador, a Sociedade Cultural Bloco Afro Ilê Aiyê, contribuindo para o fortalecimento do Movimento Negro, sobretudo na Bahia. O contexto da época exigia que a atuação do Movimento Negro não fosse somente cultural, mas também política. Surge, então, a organização de “um movimento negro político, reivindicativo e de oposição, que não se prendesse tão somente à questão cultural”.<sup>24</sup>

A partir daí inúmeros grupos foram se articulando em várias partes do Brasil, incluindo o Rio Grande do Sul. Mas a rearticulação nacional teve seu marco inicial no dia 7 de julho de 1978, num ato público de protesto contra o racismo, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Alguns casos motivaram a mobilização naquela data: a proibição imposta a quatro atletas negros juvenis de voleibol do Clube Regatas Tietê, de participar do Clube; o assassinato do Sr. Robson Silveira da Luz, negro trabalhador e pai de família que, com base apenas em suspeitas, foi preso e torturado até a morte, no 44º Distrito Policial de Guaianazes, no Estado de São Paulo; e o assassinato de outro cidadão negro brasileiro, o operário Newton Lourenço, no bairro da Lapa. A denúncia pelo Movimento Negro teve alcance nacional tornando possível a organização do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial - MUCDR. O dia 7 de julho se

---

<sup>23</sup> CARDOSO, 2002, p. 36.

<sup>24</sup> CARDOSO, 2002, p. 37.

tornou o 'Dia Nacional de luta contra o Racismo'. Dias após, na primeira Assembléia de organização do Movimento, decide-se pela inclusão do termo 'Negro' na sua nomenclatura, passando a se chamar Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial.

Em 1980, em Maceió, no Estado das Alagoas, realiza-se um Seminário Nacional, reunindo cerca de 80 lideranças negras, intelectuais e pesquisadores para discussão sobre a criação do Parque Histórico Nacional de Zumbi, Memorial Zumbi, no histórico Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga. Também em 1980, o professor Abdias do NASCIMENTO publica "Quilombismo – um conceito científico emergente do processo histórico-cultural das massas afro-brasileiras",<sup>25</sup> cujo texto se torna um documento importantíssimo na formação da consciência negra brasileira.

Em 1982, aconteceu o 4º Congresso Nacional do Movimento Negro Unificado.



Juarez RIBEIRO participando do 4º Congresso Nacional do Movimento Negro Unificado – Taboão da Serra/SP, 1982.

---

<sup>25</sup> CARDOSO, 2002, p. 78.



Reunião do Grupo de Trabalho, Taboão da Serra/SP, 1982.

Em 1983, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Conjunto Universitário Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, realiza um seminário sobre a presença do negro no cinema brasileiro.

Em 1987, o Governo Federal, sob a presidência de José Sarney, cria a Comissão do Centenário para cuidar dos preparativos para o centenário da Abolição. Em novembro daquele ano, realiza-se o 1º Encontro Nacional do Centenário da Abolição no Brasil, em Salvador, como resultado do Encontro, elabora-se o documento “Carta de Salvador”,<sup>26</sup> com reivindicações da inserção do povo negro na vida sócio-econômica do Brasil. A partir daí surge o Programa Nacional do Centenário da Abolição – PROCEM - que mais tarde se tornará a Fundação Cultural Palmares.

Os avanços obtidos até o momento em benefício da população afrodescendente são resultado de conquistas do Movimento Negro, que vem a ser o movimento social mais antigo no Brasil, pois atua desde os primórdios do escravismo, isto é, desde meados do século XVI. A discriminação racial foi, desde o início, interna ao sistema. Abolida a escravidão em 1888, os afrodescendentes continuaram a sofrer uma exploração específica graças aos mecanismos de exclusão que acompanham o racismo. Romper com essa inércia, reverter o estigma, recuperar a auto-estima, afirmar a igualdade dos direitos, agir para que a lei

---

<sup>26</sup> CARDOSO, 2002, p. 81.

garanta as mesmas oportunidades a todos têm sido algumas das principais bandeiras do Movimento Negro.<sup>27</sup>

Nesse contexto de efervescência da consciência negra no Brasil, o Movimento Negro começa a ser percebido por grande parte da sociedade com não muita simpatia. Entra em crise e passa por um processo de rupturas.<sup>28</sup> E é justamente neste momento que surge o CECUNE, como uma alternativa de Movimento Negro contemporâneo, que buscava, segundo entrevista de Juarez Ribeiro, coordenador da entidade, concedida a Michelle CIRNE: “melhorar a imagem do negro e das lutas negras na sociedade vinculada à divulgação da cultura negra”<sup>29</sup>. Segundo palavras de Juarez:

Nós passamos a refletir sobre a necessidade de ter uma entidade que pudesse trabalhar, ter uma atuação mais qualificada, fazer um trabalho de resgate, sobretudo da imagem, da questão cultural negra, com mais qualidade. Então o CECUNE é o resultado um pouco desse cenário bastante confuso que a gente vivia, falar do movimento negro, os caras não acreditavam muito. Aí a nossa ação se deu em cima da necessidade de juntar um grupo de pessoas insatisfeitas com aquela situação, com aquele momento que as organizações viviam; profissionais, pessoas que atuavam na sociedade civil, prestavam algum serviço profissional para a sociedade civil com competência e convidá-los para que a gente pudesse montar uma entidade que pudesse, a partir dessa competência pessoal de cada um, a gente dar uma contribuição para o movimento negro, como uma forma de militância, aí que surge o CECUNE.<sup>30</sup>

Como bem destaca CIRNE, citando Dalmir FRANCISCO, podemos definir “três linhas políticas que perpassem os grupos que constituem o Movimento Negro atual”<sup>31</sup>:

a) “...o discurso negro-tradicional, de recorte racial, que busca um melhor padrão sócio-econômico para as famílias negras”<sup>32</sup>;

---

<sup>27</sup> JACCOUD e BEGHIN, Luciana e Nathalie. **Desigualdades Raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental.** Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/TemasEspeciais/desigualdades/Parte1.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2006.

<sup>28</sup> SANTOS, 2005, p.22.

<sup>29</sup> CIRNE, 2004, p. 14-15.

<sup>30</sup> CIRNE, 2004, p. 15.

<sup>31</sup> CIRNE, 2004, p. 15.

<sup>32</sup> CIRNE, 2004, p. 15

b) “... o discurso negro de raça e classe, que aponta a transformação socialista como a saída para a superação do racismo e da opressão de classe, ...”<sup>33</sup>, bem representado pelo MNU;

c) “...o discurso político-cultural”<sup>34</sup>, que acredita que o racismo somente pode ser superado, mediante o fortalecimento da identidade cultural negra e que vê na organização cultural comunitária do negro a base do possível exercício de sua cidadania e de sua insurgência como sujeito político coletivo, parceiro do debate e da construção de um nova ordem social, democrática e plural. Investir no indivíduo como sujeito cultural imprescindível à participação coletiva na transformação da sociedade, é uma sensível e importante percepção do discurso político-cultural acolhido pelo CECUNE, como registra o editorial do – um veículo a serviço dos segmentos afro-culturais, intitulado “Do fazer coletivo ao exercício da cidadania”<sup>35</sup>:

Cultura do povo ou cultura popular são formas que utilizamos para qualificar aquilo que é prática usual de uma grande parte de uma comunidade situada em um determinado espaço geográfico. A produção cultural é fruto de um fazer coletivo, resultante da convivência, intencional ou não. É desta maneira que se constrói, no universo das idéias e dos valores (imaginário popular), a cultura de um povo, que passa a ser a marca peculiar que cada grupo possui. O povo, como se constata, tem direito de ser respeitado na produção de sua cultura. (...) Assim procuramos recuperar, junto à comunidade, o acesso ao exercício pleno da cidadania.<sup>36</sup>

### 1.3 – A palavra de ordem é resistência

Grande parte das manifestações racistas cotidianas são clandestinas e mal dimensionadas. Os legados cumulativos da discriminação, privilégios para uns, déficits para outros, bem como as desigualdades raciais que saltam aos olhos, são explicadas e, o que é pior, freqüentemente “aceitas”, através de chavões que nenhuma lógica sustentaria, mas que possibilitam o não enfrentamento dos conflitos e a manutenção do sistema de privilégios.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> CIRNE, 2004, p. 15

<sup>34</sup> CIRNE, 2004, p. 15.

<sup>35</sup> RIBEIRO, Juarez. Do fazer coletivo ao exercício da cidadania. **Jornal do Cecune**. Ano 1, nº. 02, Porto Alegre, abril/maio/junho, 1994, p. 2.

<sup>36</sup> **Jornal do Cecune**, 1994, p. 2.

<sup>37</sup> BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo** – Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil Vozes: Petrópolis, 2002, p. 147.

Transformar a sociedade a partir de ações educativas, como procedimentos que promovem a educação, que resgatam a história de resistência omitida pela história oficial tem sido uma das matrizes discursivas do CECUNE, assim como o é do Movimento Negro como um todo.

CONVENCIDOS da existência da discriminação racial; marginalização racial, política, econômica, social e cultural do povo negro; péssimas condições de vida; desemprego; subemprego; discriminação na admissão em empregos e perseguição racial no trabalho; condições subhumanas de vida dos presidiários; permanente repressão, perseguição e violência policial; exploração sexual, econômica e social da mulher negra; abandono e mau tratamento dos menores, negros em sua maioria; colonização, descaracterização, esmagamento e comercialização de nossa cultura; mito da democracia racial. RESOLVEMOS juntar nossas forças por: defesa do povo negro em todos os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais através da conquista de maiores oportunidades de emprego; melhor assistência à saúde, à educação e à habitação; reavaliação do papel do negro na história do Brasil; valorização da cultura negra e combate sistemático à sua comercialização, folclorização e distorção; extinção de todas as formas de perseguição, exploração, repressão e violência a que fomos submetidos; liberdade de organização e de expressão do povo negro.<sup>38</sup>

O Movimento Negro convoca a sociedade a resistir aos veementes efeitos dos registros da história oficial, que suaviza o processo de escravidão vivido no Brasil, que omite a violenta e insistente tentativa de destruição das tradições culturais do povo negro, negando sua importância na construção da riqueza cultural deste país.

Convoca ainda a resistir e desconstruir o “mito da democracia racial”<sup>39</sup> brasileira, que falsifica a realidade quando afirma que no Brasil não existe racismo.

Para enfrentar a todas estas marcas da história, que tanto sofrimento têm causado à população negra no Brasil, é preciso construir uma “identidade de

---

<sup>38</sup> CARDOSO, 2002, p. 51, citando Movimento Negro Unificado, Carta de Princípios do MNCUR – Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial.

<sup>39</sup> Instrumento ideológico que contribuiu para o falsificar a realidade e para fragmentar a identidade cultural negro-africana brasileira.



resistência”<sup>40</sup>, que segundo Kabengele MUNANGA<sup>41</sup>, é resultante da construção coletiva de sujeitos que estão em posição de desvalor em relação à lógica dominadora.

### **1.3.1 – As ações educativas de resistência como procedimentos que promovem a educação**

O CECUNE tem executado diversas ações educativas que visivelmente denotam essa resistência necessária à sobrevivência da cultura e história do povo negro e sua origem em África, à medida que promove o resgate, a preservação e a divulgação de manifestações culturais afro-brasileiras, através:

→ da publicação do jornal “Como é”<sup>42</sup>. “Um veículo voltado para a valorização da população negra, cobrindo os principais acontecimentos e afinado com a dinamicidade do dia-a-dia”.<sup>43</sup> A primeira edição foi publicada em 1994, com 20 mil exemplares, com distribuição gratuita. A composição do jornal é bastante diversificada, com uma variedade de sessões abordando temas contemporâneos como: Política; Programação Cultural, divulgando programações de interesse da população negra gaúcha; Tribos, apresentando o cenário de grupos de jovens negros das periferias; Vitrine, dando destaque a personalidades da comunidade negra e sua vida na sociedade; Comunicação; Educação; Sociedade; É Esportes, destacando atletas negras e negros de áreas diversas; todas as sessões como espaços de promoção da vida, trabalho e arte do povo negro;

---

<sup>40</sup> MUNANGA, Kabengele. Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização. In: OLIVEIRA, Iolanda. **Cadernos do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (PENESB)**, n. 4. Niterói: EdUFF, 2002, p. 64.

<sup>41</sup> Kabengele Munanga é doutor em Antropologia, docente da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>42</sup> Esta denominação surgiu do meio da comunidade negra e sugere a intenção de tratar as coisas como elas realmente são, contadas a partir do ponto de vista do povo negro. Ou, como Juarez afirma “uma mídia brotada (tanto no fazer jornalístico, quanto no olhar de produção de versões de fatos, quanto de destino de leitor/a) da comunidade negra falando a seu próprio respeito. Foi para sugerir exatamente uma nova versão dos fatos. No sentido de que nesse veículo de comunicação se pode de fato “saber como as coisas realmente são”. Inicialmente o jornal era denominado ‘Jornal do Cecune – um veículo a serviço dos segmentos afro-culturais’, de 1994 a 1995, mas para evitar o entendimento de que o jornal apenas promovia o Cecune, passou a ser denominado ‘Como é’, a partir do final de 1995.

<sup>43</sup> RIBEIRO, Juarez. Editorial – Um Jornal com a nossa identidade. **Jornal Como é**. Ano 1, Edição nº. 03. Porto Alegre, out. 2004, p. 02.



Todas as edições publicadas, quando o nome do Jornal era 'Jornal do CECUNE'.



Todas as edições publicadas do Jornal Como é.

→ da publicação trimestral da revista “Conexão Negra<sup>44</sup> – Política, Economia e Cultura”, publicação de alto nível editorial, com diversas sessões focando a temática da negritude: Política, Economia, Internacional, História, Sociedade, Educação, Fotografia, Cultura e Direitos Humanos. A Conexão Negra foi publicada

---

<sup>44</sup> O nome Conexão foi escolhido por causa da intenção do veículo de comunicação – uma revista que trouxesse notícias do Brasil e também da África, propiciando uma conexão entre as duas realidades.

nos anos 2002 e 2003, três edições, com tiragem de 5 mil exemplares e distribuição gratuita<sup>45</sup>, com artigos analíticos e reportagens informativas.



Edições 01, 02 e 03 da Revista Conexão Negra.

→ da Mostra 'O Negro no Cinema', realização do CECUNE, em parceria com diversos espaços públicos de cinema da cidade (Roda Cine, salas de cinema da Casa de Cultura Mário Quintana), promovendo a exibição de filmes, com entrada franca, proporcionando acessibilidade da comunidade negra ao trabalho de produtores, atores, atrizes e técnicos negros do cinema brasileiro, bem como a visibilização dos pensadores, ídolos e heróis negros, abordando temas de interesse. Essa mostra já se constitui em espaço privilegiado de divulgação da produção cinematográfica com esta temática étnica no país;

→ do Coral do CECUNE, projeto criado em 1984, embora idealizado desde os primeiros anos do CECUNE, é um espaço social que reúne pessoas negras com a finalidade de:

I – incentivar a prática do canto coral entre afrodescendentes como forma de reconstrução de sua identidade cultural étnica;

II – divulgar autores e obras cujo conteúdo manifestam elementos que contribuam para o reconhecimento da cultura negra, para a superação de

---

<sup>45</sup> A publicação da revista somente foi possível com o patrocínio da Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE, e da Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas – CORAG. A revista nº 04 foi produzida, mas ainda não foi publicada por falta de recursos financeiros.

preconceitos de qualquer natureza e, em especial, para o combate ao racismo antinegro.<sup>46</sup>

O Coral do CECUNE é composto por um número de aproximadamente vinte e cinco pessoas negras, agrupadas em três modalidades: naipes de vozes, naipes de instrumentistas e grupo de produção. Qualquer pessoa negra pode fazer parte do Coral, desde que “se submeta aos objetivos e normas éticas, disciplinares e técnicas do Projeto, tenha aptidão musical e/ou instrumental”<sup>47</sup>, seja avaliada pelo regente e tenha tempo disponível para os ensaios e apresentações.

A faixa etária do Coral é diversa, incluindo pessoas de 13 a 60 anos de idade. O Coral do CECUNE é o cartão de visita, a vitrine do CECUNE. Através das apresentações culturais do Coral, o CECUNE tem inúmeras possibilidades de levar ao público um pouco da cultura e da história da África, bem como dos(as) afro-descendentes.

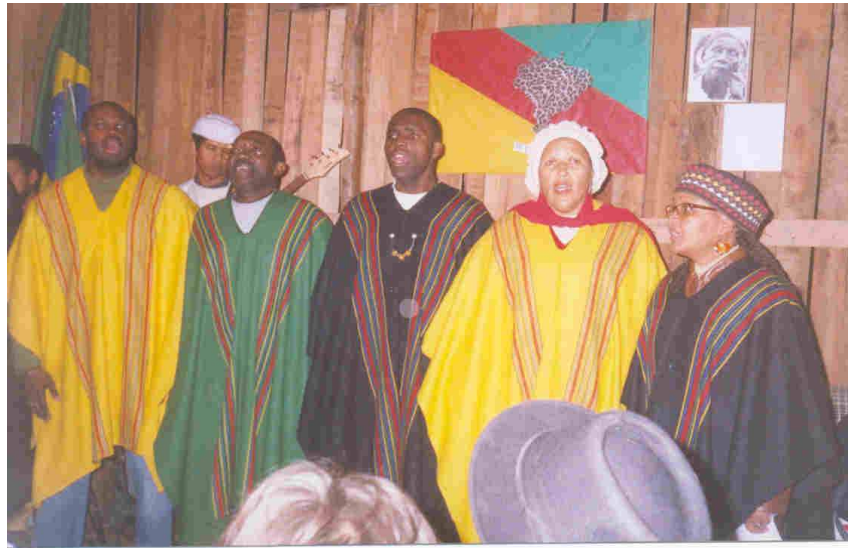


Apresentação do Coral na Jornada de Educação Cristã do CELADEC, Porto Alegre, 2003.

---

<sup>46</sup> CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA. Porto Alegre. **Regimento Interno do Projeto Coral do CECUNE**. 2000, Artigo 2º. Note-se a parceria do CECUNE com a CESE, ONG que tem como um de seus objetivos, fortalecer o movimento ecumênico.

<sup>47</sup> **Regimento Interno do Projeto Coral do CECUNE**, 2000.



Apresentação no Centro Tradicionalista Gaúcho,  
Acampamento Farroupilha no bairro Rubem Berta, Porto Alegre, 2004.



Apresentação numa Festa Temática na Semana da Consciência Negra, Porto Alegre, 2005.



Apresentação no III módulo do Projeto Universidade Livre para a 3ª. turma de bolsistas CECUNE/IPA, Porto Alegre, 2006.

→ da participação em encontros, fóruns, debates, palestras, organizando, contribuindo, promovendo. É importante considerar a participação do CECUNE em encontros de teologia, ou em fóruns onde discussões religiosas foram temas de destaque. Como por exemplo:

- ◆ I Encontro de Teologia Negra, em 1989, realizado em parceria com o Centro Ecumênico de Capacitação - CECA;
- ◆ Encontro Continental de Teologia e Filosofia Afro-indígena e Cristã, em Caymbe/Equador (de 22 a 26 de junho de 1994);
- ◆ II Fórum Afro-Americano e Caribenho, que aconteceu em Porto Alegre (10 a 14 de agosto de 1994);
- ◆ quatro edições do Fórum Social Mundial (2001, 2002, 2003 e 2004), que aconteceram em Porto Alegre;
- ◆ em nove edições da Feira do Livro de Porto Alegre;
- ◆ na 9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas;

◆ em Encontros da CELADEC - Comisión Evangélica Latinoamericana de Educación Cristiana, na qual o CECUNE está filiado.<sup>48</sup>

→ da idealização, composição e organização do Projeto Universidade Livre<sup>49</sup>, cuja ação principal é o oferecimento do Curso de extensão, uma parceria entre o CECUNE e a Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS, esboçado desde 1992, o projeto foi

Algo inédito em termos de Brasil, que tem como objetivos oportunizar o acesso a informações sistematizadas sobre temas que digam respeito à identidade negra, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes de sua identidade étnica e mais capazes para o exercício da cidadania plena, estimulando e instrumentalizando a pesquisa e a produção intelectual como formas e meios de autodesenvolvimento e contribuição comunitária.<sup>50</sup>

A metodologia do curso se desenvolve em módulos, onde diversos temas são aprofundados, como: História e Cidadania; História das Artes, Costumes e Religiões; Organização e Resistência; Práticas Metodológicas Afro-brasileiras.

O curso é resultado de seminários de estudos realizados pelo CECUNE em 1993, aos finais de semana, onde se percebeu a necessidade de se criar um curso que oportunizasse o estudo da história, cultura e realidade sócio-econômica dos negros.<sup>51</sup>

- 1ª edição, em 1995-1997, 'Aspectos de Africanidades Brasileiras', contando com a participação de 14 pessoas;

- 2ª edição, em 1999, 'Aspectos de Africanidades Brasileiras', realizado em quatro módulos, com 32 participantes;

---

<sup>48</sup> Cf. Anexo 10.

<sup>49</sup> Sobre o Projeto Universidade Livre, está sendo desenvolvida uma pesquisa de mestrado por Michelle CIRNE, no Programa de Pós-Graduação de Estudos Étnico-Raciais e Africanos, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

<sup>50</sup> RIBEIRO, Juarez. Editorial. **Jornal Como é**. Porto Alegre, ano I, nº. 3, 2º/3º bimestre 1996, p. 6.

<sup>51</sup> A exemplo do que vem acontecendo em todo o Brasil, em que várias conquistas são resultado da luta do Movimento Negro, essa ação do CECUNE preconiza o que mais adiante se tornará obrigatório nos currículos da rede de ensino, a partir da Lei 10.639/2003.

- 3ª edição, em 2001, 'Cidadania e Reconstrução da Identidade Étnica', em cinco módulos, com 29 participantes;
- 4ª edição, em 2003, 'Cidadania e Reconstrução da Identidade Étnica Egbé Omó<sup>52</sup>, realizado em seis módulos, contando com 23 participantes.



1ª. turma do Projeto Universidade Livre, Porto Alegre, 1995.

O Projeto Universidade Livre cumpre seu papel como instrumento de capacitação de lideranças populares negras, com carga horária de 80 a 100 horas, com emissão de certificados, tendo como docentes do curso, colaboradores intelectuais do Movimento Negro. O projeto envolveu aproximadamente 130 pessoas em cursos, 200 em seminários e 3.000 em outras atividades, no período de 1997 a 2003;

→ da aquisição e exposição de livros sobre temas relacionados às questões da negritude: há não muito tempo, era muito difícil conseguir bibliografia que trabalhasse questões pertinentes à população negra. Por isso mesmo o CECUNE

---

<sup>52</sup> *Egbé Omó* tem origem yorubá. *Egbé* é substantivo que significa classe, companheiro, par; sociedade, associação, corporação; fraternidade; *omo*, que também é substantivo, significa criança, prole, descendência, progenitura, frutos carnis. A tradução livre dos termos é 'a reunião da descendência'. Passou a ser assim chamado por ser voltado à comunidade jovem, entre 17 a 30 anos. Cf. FONSECA Jr., Eduardo. **Dicionário Yorubá (Nagô-português)**. Rio de Janeiro: Sociedade Yorubana Teológica de Cultura Afro-brasileira, 1983, p. 119 e 328.



aproveitou cada oportunidade (edições do Fórum Social Mundial, do Fórum Mundial de Educação, da Feira do Livro de Porto Alegre, etc), para adquirir e organizar um acervo bibliográfico<sup>53</sup> que tem servido de fonte para o embasamento teórico de suas ações;



Suzana e Juarez Ribeiro na mesa de livros por ocasião da 1ª. edição do Projeto Universidade Livre, Porto Alegre, 1995.



→ da assessoria a grupos diversos sobre temas pertinentes à história e cultura de África e da população afro-brasileira: o CECUNE tem sido convidado regularmente a assessorar eventos, aulas, palestras e oficinas;

---

<sup>53</sup> Esse acervo bibliográfico foi colocado à disposição para a realização desta pesquisa. Curioso encontrar em alguns livros, a indicação de que é uma “Aquisição conjunta:... ensaiando a união de forças”. Exemplo disto é o livro Teologia Negra, de Gaurand S. WILMORE e James H. CONE.

→ da confecção, exposição e venda de artesanato específico, como por exemplo bonecas e bonecos negros, possibilitando um trabalho de resgate da autoestima da criança negra, dispondo de recursos para incrementar a contação de histórias para crianças que apresentam personagens negros;



Guirlanda com Família Negra e Papai Noel negro – confeccionados por Suzana Marisa Rodrigues Ribeiro, Coordenadora do CECUNE (Acima, a 1ª. foto com chaveiros de bonecas negras), Porto Alegre, 2004.



Bonecas negras representando Orixás, confeccionadas por Luciane Pinheiro de Freitas, associada-filiada do CECUNE. (Acima, a 2ª. foto apresenta em melhor ângulo as mesmas bonecas), o Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo, evento promovido pela ONG do Movimento Negro de Mulheres Maria Mulher, no Mercado Público Porto Alegre, 2005.

→ da parceria com o Centro Universitário Metodista IPA<sup>54</sup> estabelecendo um convênio que possibilita bolsa integral de estudo para o acesso de pessoas negras à Universidade: Convênio este assinado em 2004, que permite à pessoa negra aprovada na seleção do vestibular, que comprove carência sócio-econômica, isenção integral de matrícula e mensalidades do curso escolhido. A partir dessa parceria o CECUNE retoma o seu Projeto Universidade Livre investindo na capacitação de estudantes bolsistas negros e negras. Vejamos abaixo as turmas de bolsistas constituídas em 2004, 2005 e 2006:



1ª. turma de bolsistas CECUNE/IPA, Porto Alegre, 2004.1.

---

<sup>54</sup> Esta questão será retomada no terceiro capítulo desta dissertação. (O Centro Universitário Metodista IPA passou a ser assim denominado em 2004. Seu histórico: em 1971, foi criado o primeiro curso superior nas instituições que atualmente formam as Faculdades IPA – Educação Física; em 1978, foi criado o segundo curso superior, Nutrição; em 1980, foram criados os cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. (Os cursos das instituições IPA (Instituto Porto Alegre) e IMEC (Instituto Metodista de Educação e Cultura), hoje integradas nas Faculdades IPA, passam a realizar vestibular integrado). Em 1989, foi criado o curso de Fonoaudiologia; em 2000, os cursos de Administração Hospitalar e Turismo (ênfase Hotelaria) e aprovado o projeto que prevê a criação do Centro Universitário IPA; em 2003, foi realizado o primeiro processo seletivo integrado entre as Faculdades IPA e a FAMES, de Santa Maria, também integrante do Sistema de Educação Metodista no RS; em 2004, foi comprado o curso de Direito do Centro de Ensino Superior de Porto Alegre (CESUPA), que passa a integrar a Faculdade Metodista IPA, criado o curso de Administração de Empresas e é aprovada pelo MEC a transformação da Faculdade Metodista IPA em Centro Universitário Metodista IPA). Disponível em: <[http://www.ipametodista.edu.br/institucional/redeipa/rede\\_historico\\_centro\\_universitario](http://www.ipametodista.edu.br/institucional/redeipa/rede_historico_centro_universitario)>. Acesso em: 25 jul.2006.



2ª. turma de bolsistas CECUNE/IPA, Porto Alegre, 2004.2.



3ª. turma CECUNE/IPA (2005.1, 2005.2 e 2006.1), Porto Alegre, 2006.

→ da participação como representante de Movimentos Sociais no Conselho Universitário (CONSUNI) do Centro Universitário Metodista IPA. O CONSUNI é o órgão máximo da instituição, sendo responsável pela aprovação e avaliação de todos os projetos acadêmicos nas três áreas de atuação institucional - de ensino, pesquisa e extensão. O CONSUNI é formado por representantes dos corpos docente, discente e funcional, da entidade mantenedora, e de entidades parceiras do IPA, como é o caso do CECUNE.<sup>55</sup>

## 1.4 – Da organização do CECUNE<sup>56</sup>

### 1.4.1 – Das pessoas associadas

O CECUNE se constitui de pessoas associadas que contribuem intelectual e materialmente para o bom funcionamento da organização. Não há número limitado para adesão de pessoas que queiram se associar, desde que respeitadas as normas do Regimento Interno.

A classificação de pessoas associadas ao CECUNE:

- a) fundadoras: que participaram da reunião de fundação e assinaram a ata;
- b) filiadas: indicadas por uma fundadora ou por outra filiada;
- c) honorárias: que já participaram como filiadas, mas que afastadas por razões diversas, continuam mantendo certa ligação com a organização.

As três categorias de associadas têm direito de participar da assembléia geral, sendo que apenas as associadas fundadoras e filiadas têm direito a voto e a

---

<sup>55</sup>

Disponível

em:

<[http://www.ipametodista.edu.br/institucional/redeipa/rede\\_historico\\_centro\\_universitario](http://www.ipametodista.edu.br/institucional/redeipa/rede_historico_centro_universitario)>.

Acesso em: 25 jul.2006.

<sup>56</sup> Sobre a organização do CECUNE, vale a pena conferir AMARAL, Anderson Moreira do. **A Cultura Organizacional do CECUNE: Um estudo de campo**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Administração de Empresas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2005. Anderson do AMARAL é associado-filiado do CECUNE.

serem votadas. Todas as associadas devem cumprir as normas estatutárias e regimentais.



Reunião da Coordenação com associados-fundadores e associados-filiados. Porto Alegre, 2005.

#### **1.4.2 – Da administração**

O CECUNE é organizado e administrado a partir de três instâncias:

a) Assembléia Geral: na qual participam todas as categorias de associadas(os), sendo presidida pelo Coordenador(a) Geral.

b) Coordenação Executiva que é composta pela coordenação geral, a secretaria e a assessoria de finanças. Reúne-se duas vezes ao ano e tem mandato de três anos.

c) Conselho Fiscal: constituído por três membros, com mandato de três anos, eleitos pela Assembléia Geral.

### 1.4.3 – Da estrutura financeira e orçamentária do CECUNE

A estrutura financeira e orçamentária, segundo Suzana Mariza RODRIGUES RIBEIRO, coordenadora do CECUNE, se configura através<sup>57</sup>:

- do serviço voluntário: não há empregados permanentes na instituição e somente ocorrem despesas com a remuneração de pessoal autônomo, quando prevista no orçamento de algum projeto de financiamento aprovado;

- da inexistência de sede própria: as instalações necessárias para a realização de atividades são cedidas por instituições parceiras. Por exemplo: a Coordenação abriga em sua casa a secretaria da instituição, colocando à disposição equipamentos como computador, telefone, máquina fotográfica, impressora, scanner, etc; para eventos que agreguem público, as salas e instalações são conseguidas como apoio ao evento, cedidas por instituições públicas ou privadas. Sem sede própria, não há despesas de manutenção como água, luz, gás, higiene e conservação;

- da captação financeira junto a agências financiadoras para cobrir orçamentos de projetos específicos. Um exemplo: a edição do Projeto Universidade Livre de 2003 teve um orçamento de R\$ 65.593,00. Esse valor se desdobrou no pagamento de 120 horas de docentes, hospedagem, alimentação e material didático (apostilas, bibliografia) para as/os alunas(os).<sup>58</sup>

- de projetos autofinanciados. Um exemplo: o projeto Coral mantém as políticas acima referidas (serviço voluntário, sem sede para sustentar – ocupa espaço físico cedido pela instituição parceira Centro Universitário Metodista IPA).

---

<sup>57</sup> Estas informações estão baseadas nas respostas ao questionário respondido no dia 18 de julho de 2006. Cf. anexo 10.

<sup>58</sup> 37 alunos(as) que se inscreveram e 23 que concluíram presentes aos 6 módulos, de março a agosto, em 80 horas de trabalhos; nos dois últimos módulos somam-se os 49 ex-alunos que foram convidados a participar numa proposta de capacitação continuada, além da equipe de assessoras(es). Os recursos captados dessa forma cobrem o projeto e caso haja sobra essa sobra é devolvida na Prestação de Contas. Cf. anexo 10.

Em 2003, o orçamento da instituição não passou de R\$ 70.000,00 (setenta mil reais). Em 2004, R\$ 5.950,00. Em 2005, R\$ 4.360,00. Em 2006 deverá ficar em torno de R\$ 30.000,00.

Diante destes números, percebe-se que a atuação do CECUNE parece ser eficiente cotejando-se as atividades desenvolvidas; a necessidade da ética democrática enfrentar, combater e reduzir o racismo; o alto custo das atividades educacionais e o relativo movimento financeiro do CECUNE.

### **1.5 – O que quer dizer ‘ecumênico’ na nomenclatura do CECUNE?<sup>59</sup>**

Quatro associados-fundadores do CECUNE ao serem interpelados por esta questão, responderam<sup>60</sup>:

Suzana Marisa RODRIGUES RIBEIRO, 52 anos, casada, advogada aposentada:

O emprego do termo ecumênico na nomenclatura do CECUNE diz um pouco da origem das pessoas que se reuniram à época para criar a entidade, trazendo um viés teológico presente na vivência de cada um – quer dos cristãos quer dos não-cristãos que, sendo todos negros, já possuíam um olhar e um sentir em relação à intolerância religiosa e em relação ao ecumenismo como possibilidade fraterna e respeitosa de convívio inter-religioso. (...) ecumênico na nomenclatura do CECUNE quer dizer o desejo da diversidade na identidade de ser negro(a).<sup>61</sup>

Juarez RIBEIRO, 51 anos, casado, publicitário: “Um jeito de conviver com as diferenças que existem entre nós mesmos. Ecumenismo intracultural e étnico.”<sup>62</sup>

Jorge Artur de SOUZA, 57 anos, casado, soldador:

Aprender, ouvir o outro, confrontar com as nossas experiências, convicções e construir um ecumenismo que vá além das celebrações de pessoas de diferentes credos ou teologias. Antes de ser uma entidade o CECUNE é um desafio. Paira sobre nós uma espiritualidade congênita: batuqueiros (culto aos orixás), umbanda, católicos, metodista e até pessoas que não têm uma

---

<sup>59</sup> Pergunta presente no questionário respondido pelos associados-fundadores. (Cf. anexos 1-4).

<sup>60</sup> Estas respostas constam (integralmente) nos anexos 1-4.

<sup>61</sup> Cf. anexo 1.

<sup>62</sup> Cf. anexo 2.



profissão de fé oficial. Na área profissional, também não é diferente. Vamos encontrar: doméstica, metalúrgicos, professores(as), engenheira civil, publicitário, advogada, jornalista, administrador de empresa, técnico de enfermagem e universitários nas mais diversas áreas. Como nos conhecemos? Em 1988, o tema da Campanha da Fraternidade era “A Fraternidade e o Negro” (Igreja Católica). Foi lançada uma cartilha “Ouvi o clamor desse povo negro”. Dois anos antes, a Igreja Católica, através de suas lideranças, dioceses, promoveram seminário, palestras, com a temática negra. Num desses encontros, em Santa Cruz do Sul, promovido pelos APNS (Agentes de Pastoral do Negro), que nos conhecemos. (...) À medida que fomos participando desses encontros, vimos que além das lutas por melhores salários, melhores condições de trabalho, havia um outro componente – a cor da pele. (...) Por que fundar o CECUNE, se já existia os APNS? Ora, a Igreja Católica já tem sua estrutura definida, sua hierarquia. Em outras palavras, não tinha e não tem uma “cara negra”, mas a iniciativa foi e é válida. O desconforto ficava evidente. Por um lado, a Igreja dizia o que nós, negros, deveríamos fazer e dizer. Por outro lado, nós dizíamos: nós pensamos, queremos dizer o que pensamos, queremos fazer as coisas do nosso jeito. (...) Hoje, sabemos que o nosso ecumenismo é tirar o melhor de cada um, independente da sua formação intelectual, religião, profissão e sexo.<sup>63</sup>

Wilson de SOUZA, 59 anos, casado, metalúrgico aposentado: “A busca do conhecimento. Nele está presente **o respeito à diversidade cultural, étnica**, de gênero e opção sexual, religiosa e política.”<sup>64</sup>

A partir das respostas dos associados-fundadores podemos observar que há um reconhecimento de origem e características comuns:

a) “desejo da diversidade na identidade de ser negro(a)”<sup>65</sup>;

b) “um jeito de conviver com as diferenças que existem entre nós mesmos. Ecumenismo intracultural e étnico”<sup>66</sup>;

c) “componente – a cor da pele”<sup>67</sup>;

d) “respeito à diversidade cultural, étnica”<sup>68</sup>.

---

<sup>63</sup> Cf. anexo 3.

<sup>64</sup> Cf. anexo 4

<sup>65</sup> Cf. anexo 1.

<sup>66</sup> Cf. anexo 2.

<sup>67</sup> Cf. anexo 3.

<sup>68</sup> Cf. anexo 4.

Deduz-se que o 'ecumênico' na nomenclatura do CECUNE tem a ver com o processo de identificação<sup>69</sup> do grupo que o fundou. Tal processo de identificação é fundamentado com base no reconhecimento da 'identidade racial', que, segundo CARDOSO, "se coloca como um desafio ético, estético e político para o Movimento Negro"<sup>70</sup>. Identidade racial numa perspectiva política de transformação da realidade do povo negro no Brasil. O que MUNANGA denomina "identidade racial negra, identidade étnica negra ou étnico-racial negra"<sup>71</sup>.

Mas o que tem a ver essa compreensão de ecumenismo do CECUNE com os conceitos de ecumenismo e movimento ecumênico, propriamente ditos? Esta questão nos introduz ao capítulo seguinte.

---

<sup>69</sup> HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>>. Acesso em: 25 jul.2006.

<sup>70</sup> CARDOSO, 2004, p. 18.

<sup>71</sup> MUNANGA, 2002, p.17-34.

## CAPÍTULO II

### O CECUNE NO MOVIMENTO ECUMÊNICO

#### 2.1 – O que é ecumenismo?

A palavra ‘ecumenismo’ pode designar vários sentidos ou significados. Antes de apresentar um panorama histórico do ecumenismo e o sentido do termo técnico empregado na teologia acadêmica dos dias atuais, faz-se necessário saber sua origem e conhecer a raiz deste termo.<sup>72</sup>

A palavra ecumenismo se origina de οἰκουμένη – palavra grega (oikoumene). Esta palavra é formada a partir de duas outras palavras gregas, a saber, do substantivo οἶκος (oikos) – o qual significa casa, habitação, família, habitantes da casa, estirpe, descendência, vivenda, aposento ou povo;<sup>73</sup> e do verbo μένω (meno)

---

<sup>72</sup> NAVARRO, Juan Bosch. **Para compreender o Ecumenismo**. São Paulo: Loyola, 1995, p. 9.

<sup>73</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

– o qual significa ficar, permanecer, esperar, persistir, continuar a ser, a existir, a subsistir.<sup>74</sup>

O termo οἰκουμένη (oikoumene) pertence a uma família de palavras que designam, como já foi evidenciado, morada, habitação, construção, edificação, administração doméstica.

Analisemos, pois, alguns termos desta família lingüística:

- os vocábulos οἶκος (oikos) e οἰκία (oikia) designam, em sentido restrito, casa e habitação; em sentido amplo, família, habitantes da casa, estirpe, descendência, vivenda, aposento, povo ou a casa e os bens que ela contém.<sup>75</sup>

- o vocábulo οἰκιακός (oikiakos) ou οἰκειακός (oikeiakos) designa o que pertence à família ou à casa, isto é, familiar.<sup>76</sup>

- a palavra οἰκέτης (oiketes) significa escravo, servo, servidor, doméstico.<sup>77</sup>

- o verbo οἰκέω (oikeo) expressa o sentido de habitar, morar, ter casa, estar bem, administrar, estabelecer, fixar domínio; na voz passiva, tornar-se habitado, estar situado, situar-se, estar familiarizado, familiarizar-se.<sup>78</sup>

- o verbo οἰκοδεσποτέω (oikodespoteo) significa cuidar, dirigir, administrar e governar a casa ou a família. Junto a este verbo está o substantivo οἰκοδεσπότης (oikodespotes), chefe de família ou da casa, dono da casa.<sup>79</sup>

---

<sup>74</sup> RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 301-302.

<sup>75</sup> RUSCONI, 2003, p. 328- 329. Os vocábulos οἶκος (oikos) e οἰκία (oikia) só apresentam diferenças em usos sintáticos de locuções adverbiais. Cf. FREIRE, Antônio. **Gramática Grega**, 2ª tiragem da 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 175. Embora a palavra οἰκία (oikia) possa significar o espaço onde se constrói uma casa ou οἶκος (oikos). Cf. SANTA ANA. **Ecumenismo e Libertação**, São Paulo: Vozes, 1991, p. 16.

<sup>76</sup> RUSCONI, 2003, p. 328.

<sup>77</sup> RUSCONI, 2003, p. 328.

<sup>78</sup> RUSCONI, 2003, p. 328; NAVARRO. 1995, p. 10.

<sup>79</sup> RUSCONI, 2003, p. 328.

- o verbo οἰκοδομέω (oikodomeo) significa construir, edificar. Deste verbo, deriva os substantivos οἰκοδομία (oikodomia), οἰκοδομή (oikodome) – construção, edificação – e o substantivo οἰκοδόμος (oikodomos) – construtor.<sup>80</sup> No Novo Testamento o verbo οἰκοδομέω (oikodomeo) é empregado para designar construção ou edificação da Igreja e seu processo de edificação ( Mt 16.18, At 9.31). A edificação da Igreja pode ser caracterizada como função específica dos apóstolos na construção de novas comunidades (II Cor 10.8), porém, com a consolidação das comunidades, todos os crentes eram responsáveis pela contínua edificação da Igreja de forma conjunta e mútua (I Ts 5.11).<sup>81</sup>

- o verbo οἰκονομέω (oikonomeo) que significa ser administrador, administrar a casa. E os substantivos οἰκονομία (oikonomia) – administração da casa, trabalho administrativo, encargo administrativo da casa; e οἰκόνομος (oikonomos) – administrador, tesoureiro da casa, ou mordomo.<sup>82</sup> Note que a atividade de construir um espaço onde se vive e forma uma comunidade não pode estar desconectada de uma edificação constante no âmbito físico e no âmbito social e espiritual. Isto só é possível mediante uma administração adequada de pessoas fiéis ao compromisso de construir, administrar e manter viva uma família ou uma comunidade em sua totalidade.<sup>83</sup>

Todos estes termos têm uma raiz comum, a saber, οἶκος (oikos).

Logo, o termo οἰκουμένη (oikoumene) do qual deriva a palavra ecumenismo significa casa, terra habitada, mundo habitado, ou humanidade<sup>84</sup>. Neste sentido, seria o mundo habitado por diferentes povos.<sup>85</sup>

Os gregos empregavam οἰκουμένη (oikoumene) para designar o mundo sob domínio dos helênicos, dentro dos seus limites próprios. Isto indica que o termo οἰκουμένη (oikoumene) designava a terra dominada e habitada pelos gregos. Além

---

<sup>80</sup> RUSCONI, 2003, p. 328- 329; SANTA ANA, 1991, p. 16.

<sup>81</sup> SANTA ANA, 1991, p. 16.

<sup>82</sup> RUSCONI, 2003, p. 329; SANTA ANA, 1991, p. 16-17; NAVARRO, 1995, p. 10.

<sup>83</sup> SANTA ANA, 1991, p. 16-17.

<sup>84</sup> RUSCONI, 2003, p. 328; NAVARRO, 1995, p. 10; SANTA ANA, 1991, p. 17.

<sup>85</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

das fronteiras desta οἰκουμένη (oikoumene) se situava o mundo dos bárbaros.<sup>86</sup> De fato, a palavra οἰκουμένη (oikoumene) foi empregada pelos escritores gregos clássicos (Heródoto, Demóstenes, Aristóteles, etc) para designar o espaço habitado pelos gregos em contraposição ao mundo ou espaço desconhecido pelos gregos, ou seja, seus habitantes eram estranhos para os helenos. A partir do século IV, este termo passou a designar todo o mundo conquistado por Alexandre o Grande, desde os territórios gregos até as margens do Egeu até às margens do Rio Indo.<sup>87</sup>

Da mesma forma, os romanos continuaram empregando este termo para indicar os limites fronteiriços de seu domínio (Lc 2.1).<sup>88</sup> Pressupõe que, neste sentido, οἰκουμένη (oikoumene) se trata do Império Romano ou todo o mundo sob o poder dos romanos cujo símbolo do poder político-ideológico era a *Pax Romana*.<sup>89</sup>

NAVARRO afirma que: “As perspectivas geográfica e cultural, entrelaçadas, aparecem como significado primeiro da palavra ecumenismo”.<sup>90</sup> E SANTA ANA aponta que: “Portanto, no segundo momento, o sentido do termo ecumênico tornou-se cultural”.<sup>91</sup>

Porém, não é possível dizer que a οἰκουμένη (oikoumene) estivesse em função da pluralidade étnica e cultural. O olhar moderno e ocidental pode fazer-nos interpretar este conceito de οἰκουμένη (oikoumene) de forma modernizante. Não havia um sentido de união dos ‘diferentes’, senão pela integração e ordem dentro dos limites do domínio. A οἰκουμένη (oikoumene) não era união pacífica dos povos dentro de um único sistema, pelo contrário, era a expansão do império sobre os povos vencidos, os quais estavam debaixo da *Pax Romana* que é o símbolo da própria força armada contra a invasão dos bárbaros e contra as insurreições dentro do império.<sup>92</sup> Porém, estamos cientes que dentro dos limites destes domínios havia uma variedade cultural e étnica.

---

<sup>86</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

<sup>87</sup> SANTA ANA, 1991, p. 17.

<sup>88</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

<sup>89</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

<sup>90</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

<sup>91</sup> SANTA ANA, 1991, p. 18.

<sup>92</sup> GREEN, Michael. **Evangelização na igreja primitiva**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 12-14.

Esta palavra ocorre quinze vezes no Novo Testamento, sendo que dentre estas ocorrências, podemos verificar que ela pode significar, dependendo do contexto, o mundo habitado ou humanidade (Mt 24.14; At 11.28), o Império Romano (Lc 2.1).

Porém, na concepção dos escritores do Novo Testamento, a palavra οἰκουμένη (oikoumene) pode ser empregada para indicar uma nova perspectiva e um novo significado, a saber, reino messiânico (Hb 2.5)<sup>93</sup>. Neste sentido, a antiga οἰκουμένη (oikoumene) é substituída por uma outra οἰκουμένη (oikoumene), governada por Cristo. A noção de οἰκουμένη (oikoumene), a partir de uma perspectiva do Novo Testamento, passa por um processo progressivo de desenvolvimento: a terra habitada se torna um ambiente, uma casa onde toda a humanidade é incluída. Esta οἰκουμένη (oikoumene), é obra de Deus, germinada pela resposta da humanidade ao chamado de Deus e que se faz casa habitada com a responsabilidade humana.<sup>94</sup>

Em suma, o termo οἰκουμένη (oikoumene), é usado no Novo Testamento segundo as acepções citadas anteriormente.

No livro cristão chamado Martírio de Policarpo 8.1, do século dois, podemos constatar o emprego do termo οἰκουμένη (oikoumene), para designar o Império Romano: καὶ πάσης τῆς κατὰ τὴν οἰκουμένην καθολικῆς ἐκκλησίας (kai pases, tes kata ten oikoumenen katolikes eklesias), que significa “e de toda a Igreja católica na (segundo a) οἰκουμένη (oikoumene)...”<sup>95</sup>

Posteriormente - em 381 d.C. no Concílio em Constantinopla quando este dá ao Concílio de Nicéia (325 d.C.) a denominação de “concílio ecumênico” - esta palavra foi introduzida na linguagem eclesiástica para designar as doutrinas, dogmas e usos eclesiais que foram aceitos como norma autoritativa e universal por toda a Igreja Católica.<sup>96</sup>

---

<sup>93</sup> RUSCONI, 2003, p. 329.

<sup>94</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

<sup>95</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

<sup>96</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

Obviamente, com a queda do Império Romano, a Igreja incorporou o termo οἰκουμένη (oikoumene) dentro de sua linguagem eclesiástica definitivamente. Com isso, o termo não mais tem o sentido político, mas exclusivamente eclesiástico.

Os três grandes doutores da Igreja, Basílio, o Grande; Gregório Nazianzeno e João Crisóstomo, são chamados de doutores ecumênicos.

Logo, οἰκουμένη (oikoumene) passa a ter um sentido exclusivamente eclesiástico com o objetivo de designar os concílios que falam em nome da Igreja como um todo.<sup>97</sup>

Porém, para a Igreja do Ocidente (de Roma), um concílio só é ecumênico se este representar toda a Igreja e se as decisões forem confirmadas pelo Bispo de Roma. Por outro lado, para a Igreja do Oriente (Ortodoxa), um concílio só é ecumênico quando suas decisões forem aceitas por toda a Igreja espalhada no mundo. Por esta razão, a Igreja Oriental (Ortodoxa) reconhece as resoluções dos sete concílios, isto é, dos Concílios de Nicéia (325 d.C.), de Constantinopla (381 d.C.), de Éfeso (431 d.C.), de Calcedônia (451 d.C.), de Constantinopla (553, 680/692 d.C.) e de Nicéia (787 d.C.), como as formulações autorizadas da doutrina e do direito eclesiástico, e que estes concílios são os únicos que podem ser denominados de ecumênicos porque eles expressam 'a doutrina ortodoxa' aceita pelas Igrejas do Oriente e do Ocidente.<sup>98</sup>

Da mesma forma, os três grandes credos da Igreja antiga, a saber, o Apostólico, o Niceno-Constantinopolitano e o de São Atanásio, também são denominados ecumênicos.<sup>99</sup>

Notemos que o termo οἰκουμένη (oikoumene) não se limita à esfera religiosa, ele, antes, designa a unidade de todos os seres humanos, de todas as nações e etnias que caracterizam o povo de Deus. Por esta razão, este termo tem dimensões

---

<sup>97</sup> NAVARRO, 1995, p. 10.

<sup>98</sup> HERMELINK, Jan. **As Igrejas no mundo**. São Leopoldo: Sinodal, 1981, p. 50.

<sup>99</sup> NAVARRO, 1995, p. 11.



políticas, geográficas, sociais, culturais, além de religiosas, embora, nos dias atuais, a acepção mais comum deste termo tem a ver com a religião.<sup>100</sup>

Verifiquemos, pois, os novos significados e acepções deste termo.

## 2.2 – Novos significados

No século dezanove, o termo ecumenismo apresentará um novo significado o qual dará base para sua acepção técnica moderna. Em 1846, quando foi constituída uma Aliança Evangélica em Londres com membros de diferentes denominações, com o propósito de convocar um “concílio ecumênico evangélico universal”, o pastor calvinista francês Adolphe MONOD, por meio de suas palavras de agradecimentos aos britânicos, explicita “o espírito verdadeiramente ecumênico” que os anfitriões demonstraram. Similarmente, o fundador da Cruz Vermelha e um dos pioneiros da Associação Cristã de Moços, o suíço Henry DUNANT (1828-1910), insistia que essa associação fosse “ecumênica”, ou seja, que deveria “propagar aquele espírito ecumênico que transcende a nacionalidade e a língua, as denominações e as questões eclesiásticas, a classe e a profissão...”.<sup>101</sup>

Porém, parece que este significado era insustentável diante de novas perspectivas.

Em 1900, na Cidade de Nova Iorque, foi celebrada uma Conferência Ecumênica Missionária. No entanto, os organizadores explicitaram que o epíteto se dá por causa do objetivo missionário de “abarcara toda a terra”. Note-se que a acepção indica um sentido geográfico e universal, o qual é caracterizado pelas acepções mais antigas. Depois da Conferência Missionária Mundial de Edimburgo

---

<sup>100</sup> SANTA ANA, 1991, p. 20-21.

<sup>101</sup> NAVARRO, 1995, p. 11.

em 1910, o adjetivo 'ecumênica' deixa de ser empregado, pois seus organizadores o julgavam impróprio diante da ausência das Igrejas Ortodoxa e Católica.<sup>102</sup>

Os movimentos 'Fé e Constituição' e 'Vida e Ação' darão um significado ao termo 'ecumênico' que constituirá a base do sentido técnico utilizado em nossos dias.<sup>103</sup>

O arcebispo luterano Nathan SÖDERBLOM, durante a primeira Guerra Mundial, sugeriu uma 'reunião internacional de Igrejas' de cunho ecumênico com o objetivo de resolver o problema de paz. Sua sugestão só viria a se tornar concreta algumas décadas mais tarde. Neste sentido, a palavra 'ecumênica' apresentará uma nova acepção: característica de uma relação amistosa entre Igrejas, com o intuito de promover a paz internacional.<sup>104</sup>

Posteriormente, na Conferência de Estocolmo (1925), o termo começa a se tornar universal. O termo 'ecumênico', com esta acepção, passa a ser aceito livremente por parte dos alemães, suecos e franceses. Porém, os ingleses ainda continuavam entendendo esta palavra com significado preciso a respeito dos concílios ecumênicos, limitando-se a este único significado.

A proposta dos ingleses foi, ao invés de 'ecumênico', mundial e universal. A partir da Conferência de Oxford (1937), o termo 'ecumênico' passa a designar, definitivamente, as relações denominacionais e interdenominacionais de diferentes igrejas, de modo a tornar concreto o sonho de uma Igreja Una Sancta.<sup>105</sup>

Notemos que o Conselho Ecumênico de Igrejas, fundado em Amsterdã, em 1948, passa a ser designado por Conselho Mundial de Igrejas, por parte dos ingleses. Porém, o objetivo é o mesmo: a reconciliação das variadas igrejas cristãs como a concretude da 'universalidade do cristianismo para que o mundo creia'.

---

<sup>102</sup> NAVARRO, 1995, p. 11.

<sup>103</sup> NAVARRO, 1995, p. 11.

<sup>104</sup> NAVARRO, 1995, p. 11.

<sup>105</sup> NAVARRO, 1995, p. 11-12.

Em suma, a acepção primeira do termo apresenta um sentido geográfico, com limites políticos. Mesmo sendo utilizado no meio eclesiástico, caracterizava uma totalidade nos limites que antes eram políticos.<sup>106</sup>

O termo ecumênico passa a ter uma nova acepção: reconciliação, união de diferentes igrejas separadas. Antes, o termo designava a sua totalidade indivisa. Como termo em sua acepção técnica e moderna, significa a totalidade de Igrejas que se relacionam embora estando separadas, representando várias confissões, com o intuito de representar a universalidade do cristianismo.

Ainda na acepção moderna do termo, o 'ecumenismo' não pode estar associado unicamente à união de diferentes igrejas, isto é, unicamente no âmbito teológico, eclesial, ou unicamente cristão. O ecumenismo passa a ter configurações teológicas e sociológicas mais amplas. Portanto, o termo 'ecumenismo' pode apresentar várias definições, dependendo do enfoque que determinados segmentos queiram apresentar. O que caracteriza o movimento ecumênico, como o próprio termo 'movimento' indica, é sua dinamicidade e progressiva capacidade de inclusão.

### **2.3 – Tipos de Ecumenismo**

O ecumenismo é a representação da totalidade. CONGAR<sup>107</sup> utiliza o termo 'plenitude' para designar o ecumenismo.<sup>108</sup> Por razões pedagógicas e para uma maior objetividade, é necessário falar de diferentes propostas ecumênicas, ou diferentes ecumenismos:

---

<sup>106</sup> NAVARRO, 1995, p. 12.

<sup>107</sup> Yves CONGAR (1904-1995), teólogo dominicano francês, foi uma das grandes personagens do Concílio Vaticano II.

<sup>108</sup> NAVARRO, 1995, p. 17.

### **2.3.1 – Ecumenismo institucional**

O ecumenismo não pode ser entendido sem a tensão entre o institucional e o pessoal. Os pioneiros ecumênicos nunca renunciaram à vinculação eclesial. Alguns exemplos dessa forma organizada e estruturada, encontramos nos organismos ecumênicos: Conferência Missionária Mundial de Edimburgo (1910), Assembléias de Lausane e de Edimburgo, que geraram os movimentos 'Fé e Ordem' e 'Vida e Ação', que constituem elementos de uma estrutura coerente e organizada a fim de zelar pelo objetivo do ecumenismo. Neste sentido a estrutura organizacional se vincula à instituição. Sem esta estrutura o movimento ecumênico se torna inviável. Seria impossível pensar no Conselho Ecumênico das Igrejas sem os organismos e comissões que a partir de Genebra sustentam e estimulam a ação ecumênica de suas Igrejas-membro.

Este ecumenismo institucional é caracterizado, principalmente, pela Igreja de Tradição católica do que pelas Igrejas reformadas. Assim, o ecumenismo institucional vem a ser um ecumenismo oficial, controlado pelas autoridades hierárquicas ou pelos representantes delegados. Embora representantes delegados leigos não sejam impelidos pela hierarquia, eles são supervisionados por ela.

### **2.3.2 – Ecumenismo doutrinal**

O ecumenismo doutrinal é uma expressão subjacente ao ecumenismo institucional. O que não quer dizer que esteja fora do institucional. Cientes de que a causa das separações da Igreja se deram a partir de questões ligadas à profissão da fé verdadeira (ortodoxia), precisamos admitir que estes problemas de ordem doutrinal continuam gerando infintos colóquios. Por esta razão, o ecumenismo doutrinal se torna importante, pois ele constitui como verdadeiro passo em direção à unicidade cristã em sua totalidade.

### 2.3.3 – Ecumenismo espiritual

Nos textos litúrgicos e devocionais de católicos, ortodoxos, anglicanos e protestantes apresentam-se orações que pedem a Deus pela unidade da Igreja. Sem negar a tarefa doutrinal, é notório que a unidade em sua plenitude é contemplada pela convergência na espiritualidade compartilhada entre todas as pessoas cristãs.

Estas orações comuns que relatam a intensidade de petição pela unidade, constituem um passaporte válido para a unidade: a oração compartilhada nos leva a um sentimento de união com o Senhor de todos e todas.

### 2.3.4 – Ecumenismo local ou de ‘base’<sup>109</sup>

O ecumenismo local se dá mediante uma realidade expressiva, rica e diversa; diferentemente das outras antes citadas. Embora o ecumenismo local não deixe de ser um ecumenismo institucional, doutrinal e espiritual, à medida que exigia a representação da hierarquia nos movimentos sociais que lutavam por justiça, costumava identificá-lo como ‘ecumenismo de base’.

Em linhas gerais, ecumenismo local significa o ambiente ou âmbito onde pessoas leigas, paróquias, constituem uma ‘base’ ecumênica, ou, em termos eclesiológicos, representa o espaço do povo de Deus.<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> NAVARRO informa que não há consenso entre os autores sobre a nomenclatura ‘ecumenismo local’, uma vez que alguns denominam como de ‘base’ e até mesmo ‘secular’. Ele, no entanto, faz opção por denominar desta maneira, tornando exclusiva a denominação ‘secular’

<sup>110</sup> NAVARRO, 1995, p. 17; BRAKEMEIER, Gottfried. **Ecumenismo Institucional e de Base: um diálogo a partir da América Latina.** Disponível em: <[http://www.est.com.br/congresso\\_ecumenico\\_2006/textos/Brakemeier%20-%20Ecumenismo%20institucional%20e%20de%20Base.pdf](http://www.est.com.br/congresso_ecumenico_2006/textos/Brakemeier%20-%20Ecumenismo%20institucional%20e%20de%20Base.pdf)> Acesso em: 25 jul. 2006.

Segundo BRAKEMEIER<sup>111</sup>, nas décadas de 70 e 80, “o chamado ecumenismo de base teve seus tempos áureos”; oriundo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que tinham na Teologia da Libertação<sup>112</sup> seu referencial teórico. Neste mesmo período são organizadas instituições tais como: o Instituto de Estudos da Religião – ISER (1971); o Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria – CECA (1974); a Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE (1976); o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI (1979); e outras.

BRAKEMEIER afirma que inicialmente se entendia ‘base’

(...) em sentido lato, compreendendo tanto os membros das comunidades e suas representações, quanto os organismos à parte das instituições, a exemplo das sociedades missionárias ou bíblicas. Poderíamos falar em “ONGs” cristãs. Sua atuação demonstra que o movimento ecumênico é maior do que as Igrejas, excede a esfera de sua influência e se expressa em grande variedade de iniciativas.<sup>113</sup>

Ele indica que a diversidade religiosa presente no período de 1980 a 2000 gerou um enfraquecimento no chamado ‘ecumenismo de base’, em que o cenário religioso brasileiro da pós-modernidade acentua o individualismo em detrimento do coletivo. A religiosidade com apelo pessoal e individual ganha espaço, como é o caso do crescimento do pentecostalismo. Apesar disto, nesta etapa do ecumenismo de ‘base’ são os movimentos de pessoas leigas e de teólogas que mantêm firme o propósito de ‘unidade na diversidade’.

### **2.3.5 – Ecumenismo secular**

Diante de alguns problemas quanto a uma decisão e atitude para uma unidade, o ecumenismo eclesiástico parecia insustentável. Por esta razão, surge o chamado ‘ecumenismo secular’, como fruto de uma reflexão teológica, numa proposta por meio de um método indutivo, partindo-se da história de nosso tempo e

---

<sup>111</sup> O Dr. Gottfried BRAKEMEIER é pastor luterano e professor de Teologia Sistemática e Ecumenismo na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

<sup>112</sup> BRAKEMEIER. Acesso em: 25 jul. 2006.

<sup>113</sup> BRAKEMEIER. Acesso em: 25 jul. 2006.

considerando a encarnação como tema central dessa reflexão, terá a capacidade de revivificar um ecumenismo que jazia entre as paredes e muros das fronteiras eclesiais.

Por esta razão, o ecumenismo secular será caracterizado pela diaconia ao mundo, o serviço do mundo por meio de justiça e paz. Esta proposta não deixa de ser uma expressão dos demais modelos de ecumenismo; no entanto, a idéia de ecumenismo não se deixa afetar pelas doutrinas de cada igreja. Há uma urgência e esta é o serviço ao mundo.

O 'ecumenismo secular' é a última e grande etapa do ecumenismo. Ele pretende a unidade da humanidade, tendo como compromisso a preocupação com o serviço e a solidariedade em favor de um mundo melhor.

## **2.4 – O CECUNE no Movimento Ecumênico**

Retomando as respostas de Jorge Artur de SOUZA e Suzana RIBEIRO, respectivamente, à questão “O que quer dizer ‘ecumênico’ na nomenclatura do CECUNE?”, presentes no primeiro capítulo, destaquemos:

Como nos conhecemos? Em 1988, o tema da Campanha da Fraternidade era “A Fraternidade e o Negro” (Igreja Católica). Foi lançada uma cartilha “Ouvi o clamor desse povo negro”. Dois anos antes, a Igreja Católica, através de suas lideranças, dioceses, promoveram seminário, palestras, com a temática negra. Num desses encontros, em Santa Cruz do Sul, promovido pelos APNS (Agentes de Pastoral do Negro), que nos conhecemos. (...) <sup>114</sup>

O emprego do termo ecumênico na nomenclatura do CECUNE diz um pouco da origem das pessoas que se reuniram à época para criar a entidade, trazendo um viés teológico presente na vivência de cada um – quer dos cristãos quer dos não-cristãos que, sendo todos negros, já possuíam um olhar e um sentir em relação à intolerância religiosa e em relação ao ecumenismo como possibilidade fraterna e respeitosa de convívio inter-religioso. <sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> Cf. anexo 3.

<sup>115</sup> Cf. anexo 1.

SILVEIRA<sup>116</sup> registra que de 1978 a 1988, viveu-se no Brasil um período de “articulação nacional, protestos, reivindicações, agitação política, artística, cultural”.<sup>117</sup> Neste período surgem os primeiros Agentes de Pastoral Negros (APNs) no Rio Grande do Sul. Em 1986, os APNs, mencionados na resposta de SOUZA, organizam um Encontro em Santa Cruz do Sul, como preparação para a Campanha da Fraternidade, cujos tema e lema, respectivamente, foram “A Fraternidade e o Negro”<sup>118</sup> e “Ouvi o clamor deste povo!”<sup>119</sup>. Neste encontro, ele e outras pessoas, algumas das quais já se conheciam do movimento sindicalista, fundaram o CECUNE.

Quanto ao “viés teológico presente na vivência de cada um”, nas palavras de RIBEIRO, certamente se deve à influência da Teologia da Libertação, pois como ela mesma diz, o “... pessoal tanto católico quanto metodista era todo de esquerda, ligado a outros movimentos populares comunitários e sindical e, por isso mesmo, de tendência e influência da Teologia da Libertação”<sup>120</sup>.

A Teologia da Libertação (TdL) se autodefinia como “um novo método de fazer teologia”, caracterizado pela palavra “práxis”, sobretudo entendida como a “prática política”.<sup>121</sup> O método adotado pela TdL era “ver, julgar e agir”<sup>122</sup>, também estava presente no cotidiano dos fundadores e fundadoras do CECUNE:

---

<sup>116</sup> Oliveira SILVEIRA é escritor e licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante dos grupos Associação Negra de Cultura e Semba Arte Negra.

<sup>117</sup> SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: história e conteúdo. In: SILVA e SILVÉRIO, Petronilha Beatriz e Valter Roberto. **Educação e Ações Afirmativas – Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísios Teixeira (INEP), 2003, p.40.

<sup>118</sup> **Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião da Campanha Quaresmal da Fraternidade no Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.vatican.edu/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1988/february/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19880218\\_quaresima-brasile\\_po.html](http://www.vatican.edu/holy_father/john_paul_ii/speeches/1988/february/documents/hf_jp-ii_spe_19880218_quaresima-brasile_po.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

<sup>119</sup> **Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião da Campanha Quaresmal da Fraternidade no Brasil de 1988**. Acesso em: 20 jul. 2006.

<sup>120</sup> Resposta de Suzana RIBEIRO à questão “Considerando a consciência ecumênica do CECUNE desde a sua criação, a Teologia da Libertação teve alguma influência quando do nascedouro da organização?”. Cf. anexo 10.

<sup>121</sup> BOFF, Clodovis, OSM. Comunidade Eclesial – Comunidade Política: Ensaio de Eclesiologia Política. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 191.

<sup>122</sup> BOFF, 1978, p.192.



→ ver: “...vimos que além das lutas por melhores salários, melhores condições de trabalho, havia um outro componente – a cor da pele. Estas questões foram levadas para os festivais de músicas, para dentro das fábricas e para as ruas.”

→ julgar: Observações foram feitas: nas greves os primeiros a serem demitidos eram os negros; os chefes eram brancos; os primeiros a apanhar da polícia e presos, eram os negros. (...) Ora, a Igreja Católica já tem sua estrutura definida, sua hierarquia. Em outras palavras, não tinha e não tem uma “cara negra”, mas a iniciativa foi e é válida. O desconforto ficava evidente. Por um lado, a Igreja dizia o que nós, negros, deveríamos fazer e dizer. Por outro lado, nós dizíamos: nós pensamos, queremos dizer o que pensamos, queremos fazer as coisas do nosso jeito.

→ agir: “Por iniciativa de Suzana e Juarez esse povo resolveu sentar para conversar e continuamos a fazer isto até hoje.”

De que forma o ecumenismo se materializa nas relações estabelecidas entre o CECUNE e os setores sociais parceiros? Com quais organizações o CECUNE tem filiação ou tem parceria?<sup>123</sup> Com qual modelo de ecumenismo o CECUNE pode ser identificado? Consideremos como ponto de partida, as respostas dos associados-fundadores do CECUNE:

Juarez RIBEIRO:

A materialidade de nossa causa interage com os demais setores do movimento social, a partir da necessidade de transversalizarmos ações políticas. Nossos parceiros estão localizados em diferentes organismos sociais: Agências financiadoras locais e internacionais, Governos municipais, estaduais e federal, Instituições religiosas protestantes, de matriz afro-brasileira e Movimentos Populares.<sup>124</sup>

Suzana Marisa RODRIGUES RIBEIRO:

O CECUNE tem diálogo com qualquer instituição que possua princípios e finalidades que não contradigam os seus princípios e finalidades – instituições públicas e privadas. Ao longo destes 20 anos de existência o CECUNE manteve diálogos produtivos e parcerias, dentre outras organizações, com:

ISER – ONG de promoção social (estudos – pesquisa)

OLODUM – ONG de cultura afro-brasileira

CMI – Organização ecumênica eclesial mundial

CESE – ONG cristã incentivadora de projetos populares

CECA – ONG cristã voltada para a capacitação de agentes populares

CEBI – ONG cristã voltada para a capacitação bíblica

---

<sup>123</sup> Estas questões estão presentes no questionário respondido pelos associados-fundadores. Cf. anexos 1-4.

<sup>124</sup> Cf. anexo 2.

Igreja Metodista  
Comunidade Terreira Ilé Àsé Yemonja Omi Olódò –  
comunidade religiosa de matriz afro-brasileira  
EST – Escola Superior de Teologia, da IECLB  
UNISINOS – Universidade privada  
FACOS – Faculdades Comunitárias de Osório  
CEDRAB-RS Congregação em Defesa das religiões Afro-brasileiras  
Secretarias de Estado da Educação e da Cultura  
Secretarias Municipais de Educação e de Cultura (Gravataí, Viamão, Porto Alegre)  
Centro de Tradições Gaúchas (Bagé)<sup>125</sup>

Considerando a origem das pessoas que fundaram o CECUNE, como já apontava Suzana RIBEIRO, logo podemos identificar as raízes do ecumenismo do CECUNE no 'ecumenismo de base', no qual, de maneira efervescente, surgiram inúmeras entidades e organizações como já mencionado antes. E, tal como ela responde, com algumas delas, por exemplo: o ISER, o CECA, a CESE e o CEBI, o CECUNE mantém parceria, por entender que os princípios e/ou finalidades de cada uma destas organizações ecumênicas, são comuns aos objetivos e finalidades desta ONG. Vejamos os princípios de algumas destas parceiras:

ISER – Instituto de Estudos da Religião  
Missão de promover o desenvolvimento com justiça social e responsabilidade ambiental.<sup>126</sup>

CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço  
Fortalecer organizações da sociedade civil, especialmente as populares, empenhadas nas lutas por transformações políticas, econômicas e sociais que conduzam a estruturas em que prevaleça democracia com justiça.<sup>127</sup>

CECA - Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria  
Contribuir para a transformação social e para a construção de uma sociedade democrática, justa e participativa numa perspectiva ecumênica.<sup>128</sup>

CEBI – Centro de Estudos Bíblicos  
Aprofundar e consolidar a leitura da Bíblia que defende e promove a vida, através da inserção em comunidades eclesiais, grupos populares e movimentos sociais.<sup>129</sup>

---

<sup>125</sup> Cf. anexo 1.

<sup>126</sup> INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO. **Objetivos.** Disponível em: <<http://www.iser.org.br>>. Acesso em: 28 jul. 2006.

<sup>127</sup> COORDENADORIA ECUMÊNICA DE SERVIÇO. **Objetivos.** Disponível em: <<http://www.cese.org.br/Cese/instituicao.htm>>. Acesso em: 28 em jul. 2006.

<sup>128</sup> CENTRO ECUMÊNICO DE EVANGELIZAÇÃO, CAPACITAÇÃO E ASSESSORIA. **Objetivos.** Disponível em: <<http://www.ceca-rs.org/32anos.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2006.

<sup>129</sup> CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS. **Objetivos.** Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/objetivos.php>>. Acesso em: 28 jul. 2006.

Entendendo que não é possível lutar pela justiça social e promoção da vida, sem ter em pauta a questão do resgate da cidadania da população negra, que durante tanto tempo viveu sob as barbáries da escravidão, as parcerias do CECUNE com estas instituições fortalecem a possibilidade de transformação da realidade brasileira de injustiças sociais e desigualdades, ao mesmo tempo que fortalece a compreensão de ecumenismo em que a união de forças na busca de um mundo melhor.

## CAPÍTULO III

### PARCERIA CECUNE E IPA: UM EXEMPLO DE AÇÃO EDUCATIVA DE INCLUSÃO DE NEGRAS E NEGROS CARENTES NA UNIVERSIDADE

#### 3.1 – O que são Ações Afirmativas?

Para entendermos o que são ‘Ações Afirmativas’ (AA), é preciso, primeiramente, uma incursão, mesmo que breve, na realidade brasileira, como antecedente dessas ações.

O segundo maior país escravagista da era moderna e o último do ocidente a abolir a escravatura, foi, conseqüentemente, o maior importador do tráfico de escravos. Dados como estes estão presentes na história do Brasil, segunda maior população negra do mundo.<sup>130</sup>

Os brasileiros afrodescendentes constituem a segunda maior nação negra do mundo, atrás somente da Nigéria: são 76,4 milhões de pessoas, o que corresponde a 45% dos habitantes do Brasil, segundo dados do Censo de 2000 (...). A população negra encontra-se distribuída em todas as Unidades

---

<sup>130</sup>JACCOUDE e BEGHIN. Acesso em: 26 jul.2006.

da Federação, mas concentra-se, proporcionalmente, mais em alguns estados: em 18 das 27 Unidades da Federação, os negros são majoritários, isto é, mais de 50% das pessoas se declaram pretas ou pardas. Os estados da região Sul são os que possuem menores porcentagens de população negra: Santa Catarina tem 9%; o Paraná, 20%; e o Rio Grande do Sul, 13%.<sup>131</sup>

Se considerarmos esta realidade étnico-demográfica e ainda o fato de que “3,3% dos jovens negros concluíram curso de nível médio contra 12,9% de brancos”<sup>132</sup>; e que “apenas 2% de jovens negros têm acesso à universidade”,<sup>133</sup> podemos inferir que as desigualdades raciais no Brasil têm origem na condição de escravidão imposta à população negra trazida da África, que tem como consequência a exclusão social e econômica da população negra no transcorrer da história do Brasil. A negação da humanidade e de direitos de mulheres e homens negros tem sido a “essência do racismo”. Como bem afirma CARDOSO.<sup>134</sup>

A história do Brasil, no que diz respeito à população negra, foi construída a partir da negação dessas desigualdades, metamorfoseando a realidade com teorias e concepções equívocas, que vão desde a concepção de “escravidão cordial”<sup>135</sup> ao mito da “democracia racial”<sup>136</sup>.

Diante desta realidade de desigualdades, há que se ter ações combativas que preconizem alternativas e iniciativas de promoção de igualdade; que objetivem a compensação favorável para pessoas negras diante da exclusão social a que foram submetidas ao longo dos séculos. A política pública de discriminação positiva, a previsão de cotas, viabiliza o direito democrático de acesso à educação, e representa um passo concreto da sociedade brasileira no caminho em direção à mudança dessa realidade de exclusão que, certamente, requer muitos outros

---

<sup>131</sup> JACCOUDE e BEGHIN. Acesso em: 26 jul.20026.

<sup>132</sup> **Política de Promoção da Igualdade Racial na Educação – Exercitando a Definição de Conteúdos e Metodologias**. Brasília: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2004, p. 28.

<sup>133</sup> CEERT, 2004, p. 28.

<sup>134</sup> CARDOSO, 2004, p. 22.

<sup>135</sup> A falsa idéia de que a escravidão no Brasil era mais branda de que em outros países, em especial, do que nos Estados Unidos. **Desigualdades raciais no Brasil**. Disponível em <[http://www.desigualdade.inf.br/textos/desigualdades\\_raciais.ppt](http://www.desigualdade.inf.br/textos/desigualdades_raciais.ppt)>. Acesso em: 04 jul. 2006.

<sup>136</sup> A pseudo-ideia de que no Brasil não há racismo. **Desigualdades raciais no Brasil**. Disponível em: <[http://www.desigualdade.inf.br/textos/desigualdades\\_raciais.ppt](http://www.desigualdade.inf.br/textos/desigualdades_raciais.ppt)>. Acesso em: 04 de jul. 2006.

passos. Ações como estas são denominadas como “Ações Afirmativas” (AA), ou discriminação positiva, ou políticas compensatórias<sup>137</sup> ou ainda, ações educativas de inclusão a favor de negros e negras.

### 3.1.1 – Cotas como proposta política de Ação Afirmativa

Como afirma Kabengele MUNANGA, na história da ideologia anti-racista, “as chamadas políticas de ação afirmativa são muito recentes”.<sup>138</sup> Foram implementadas em diversos países, como: Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Índia, Austrália, Alemanha, dentre outros, e, mais recentemente, no Brasil.<sup>139</sup>

Como proposta política de ação afirmativa, surge o sistema de cotas, garantindo a inclusão de negros e negras em universidades e possibilitando o acesso a cargos em empresas. Ações como estas, não foram bem acolhidas pela sociedade brasileira, que é marcadamente racista. Sendo assim, há quem se coloque favoravelmente<sup>140</sup> a esta política, bem como há quem seja totalmente desfavorável, como tem acontecido desde que “o debate sobre as AA a partir das propostas apresentadas pelo governo brasileiro na III Conferência Mundial contra o Racismo: a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância”,<sup>141</sup> que aconteceu em Durban, na África do Sul, em 2001.

As discussões sobre cotas têm como pano de fundo a questão do acesso à universidade. Segundo Boaventura de Souza SANTOS se esperava que na última década, que teve início no final do século XX, a democratização do acesso à

---

<sup>137</sup> MUNANGA, 2002, p. 117.

<sup>138</sup> MUNANGA, 2002, p. 117.

<sup>139</sup> MUNANGA, 2002, p. 117.

<sup>140</sup> Sobre argumentos favoráveis em favor das cotas MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa das cotas. *In*: SILVA e SILVÉRIO, Petronilha Beatriz Gonçalves e Valter Roberto (Orgs.). **Educação e Ações Afirmativas – Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2003, p. 117-128.

<sup>141</sup> SILVA, Cidinha da. Ações afirmativas em educação: um debate para além das cotas. *In*: SILVA, Cidinha da. (Org.) **Ações Afirmativas em Educação - Experiências Brasileiras**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2003, p. 17.

universidade fosse alcançado. Mas ao invés disso, houve inicialmente uma massificação, fundamentada nas questões de mérito e de privilégio. E na maioria dos países, fatores de discriminação de classe, sexo, raça/etnia, tiveram fundamental influência. O que se vê é que nas universidades públicas brasileiras as questões de mérito e privilégio quase sempre mantêm as pessoas das periferias distantes desse acesso, sendo as vagas ocupadas, na grande maioria das vezes, por quem tem condições de manutenção em universidades privadas.

No Brasil, em especial, esse assunto tem espaço garantido, sobretudo pelo protagonismo dos movimentos sociais, sobretudo o movimento negro. A partir da pressão desses movimentos, o Governo Federal lançou no primeiro semestre de 2004, o programa “Universidade para Todos (Pro-Uni)”<sup>142</sup>, que possibilita uma ação afirmativa que oportuniza o acesso à universidade, a partir de critérios raciais e sócio-econômicos, prevendo bolsas de estudo integral em universidades privadas para jovens de baixa renda.<sup>143</sup>

### **3.2 – “O início da integração para a mudança”<sup>144</sup>**

O Movimento Negro tem sido responsável, ao longo dos anos, pelas conquistas da luta por direitos humanos e dignidade em favor das populações negras, como já mencionamos no primeiro capítulo deste trabalho. Segundo José Jorge CARVALHO<sup>145</sup>, várias oportunidades de inclusão étnica e racial no ensino superior foram ignoradas: intelectuais negros tentaram confrontar idéia de integração

---

<sup>142</sup> SANTOS, 2005, p. 8.

<sup>143</sup> Um exemplo disso se vê no resultado de um estudo que revela que, por exemplo, apenas em uma rua, a Bela Cintra, situada na região afluyente dos Jardins, concentra um número maior de ingressantes no Vestibular 2004 da Universidade de São Paulo, do que 74 bairros da periferia da zona sul, como registra SANTOS, 2005, p. 9.

<sup>144</sup> Resposta de Kyzzy Barcelos Barbosa, estudante do 5º período de Nutrição no IPA, associada-filiada do CECUNE, à pergunta “Como você vê a relação de parceria entre o CECUNE e o IPA?”, através de e-mail datado de 19 de jul.2006. Cf. anexo 5.

<sup>145</sup> José Jorge de CARVALHO é PhD em Antropologia pela Universidade de Queen’s, de Belfast; professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisador do CNPq.

racial, nos anos trinta (defendida por Gilberto FREYRE em sua obra “Casa Grande Senzala”), denunciando o sofrimento da população negra brasileira, mas sem sucesso. A obra de FREYRE não ofereceu uma alternativa viável para mudar a realidade. Muito pelo contrário, a elite brasileira tornou-a livro-texto para a fundamentação teórica da tese ideológica sobre a democracia racial. “A tese da ‘democracia racial’, é vista como um instrumento ideológico que contribuiu para o falseamento da realidade e para a fragmentação da identidade cultural negro-africana no Brasil.”<sup>146</sup> A realidade teria sido outra, não fosse a distorção na percepção da realidade, propiciada pela mencionada obra.

Nos anos cinqüenta, outro grupo de intelectuais tentou denunciar a realidade excludente da época. Abdias do NASCIMENTO e seu grupo publicavam o Jornal Quilombo, onde Haroldo COSTA, então vice-diretor da Associação de Estudantes Secundaristas, tinha uma coluna que apresentava os pontos que fundamentavam o programa do jornal. Um desses pontos consistia na proposta de que os estudantes negros tivessem acesso à universidade na condição de bolsistas, “enquanto não se universalizasse a educação pública no Brasil”.<sup>147</sup> Também nos anos cinqüenta, esta oportunidade não foi considerada. Posteriormente, sobretudo nos anos sessenta e setenta, a demanda retornou com mais vigor, mas a ditadura militar impossibilitou grandes avanços na época, como denuncia CARVALHO:

(...) nós convivemos durante mais de cem anos com um dos índices de exclusão racial e étnica mais brutais do planeta na prática, e simultaneamente com uma imagem de nação completamente oposta a isso, de uma nação que fazia inveja a outras nações do mundo que achavam que aqui no Brasil esse problema estava resolvido. Isso fez gerar em todos nós,

---

<sup>146</sup> CARDOSO, 2004, p. 22.

<sup>147</sup> CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão Étnica e Racial no Ensino Superior: Um Desafio para as Universidades Brasileiras**. Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL); e Imposto de Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ). Palestra proferida na II Semana da Consciência Negra da FEEVALE, em Novo Hamburgo, no dia 17 de novembro de 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie382empdf.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2006. Acesso em: 25 jul.2006. Proposta recentemente adotada pelo MEC, configurada no PROUNI, Programa Universidade para Todos. O Programa Universidade Para Todos, criado pela Medida Provisória nº 213/2004 ([https://www.presidencia.gov.br/ccivil/\\_ato2004-2006/2004/mpv/213.htm](https://www.presidencia.gov.br/ccivil/_ato2004-2006/2004/mpv/213.htm)), oferece bolsas parciais e integrais para alunos carentes nas instituições de ensino superior privado. Estas entidades, conforme a instrução normativa 456/2004. Disponível em:<[http://prouni.mec.gov.br/prouni/inst\\_normativa.asp](http://prouni.mec.gov.br/prouni/inst_normativa.asp)>, ficam isentas de quatro tributos federais: Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins); Contribuição para o PIS/Pasep. Disponível em: <<http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/0808.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2006.



acadêmicos, uma esquizofrenia monumental, que é a esquizofrenia da qual estamos procurando nos tratar no momento presente. As universidades ficaram fora porque o projeto das universidades brasileiras foi evidentemente um projeto eurocêntrico, era o orgulho das nossas universidades transladar para o Brasil o saber europeu e isso elas o fizeram sem nenhuma vergonha de dizer que disso se tratava.<sup>148</sup>

As primeiras universidades federais brasileiras são as do Paraná, do Rio Grande do Sul e de São Paulo, respectivamente.<sup>149</sup> Todas da década de trinta e todas com um perfil branco. Perdeu-se, na ocasião, uma excelente oportunidade de inclusão de negros e indígenas; o que significaria uma mudança radical nos rumos da história da educação brasileira. Mais adiante, nos anos cinquenta, que um dos grandes cientistas sociais brasileiros do século XX, Guerreiro RAMOS, intelectual negro, egresso da primeira turma de filosofia da então Universidade do Brasil, hoje UFRJ, não foi aceito pelos professores brancos que compunham o corpo docente daquela universidade. Como ele, também sofreu discriminação racial, o intelectual negro Edison CARNEIRO, que foi impedido de ocupar a vaga de professor de Antropologia, embora tivesse qualificação para tal.<sup>150</sup>

Nos anos sessenta, funda-se a Universidade de Brasília – UnB, tendo como primeiro reitor, o respeitado intelectual Darcy RIBEIRO, sociólogo branco, que nenhum esforço fez para a inclusão étnica e racial, desperdiçando mais uma oportunidade de mudança na realidade da universidade no Brasil.<sup>151</sup>

O resultado dos constantes desperdícios de oportunidades de inclusão étnica racial é percebido nos escandalizadores números percentuais onde temos uma média de 0,5% de professores negros nas universidades públicas brasileiras.<sup>152</sup> O que, de certa maneira, não deve causar surpresa, uma vez que já dissemos antes que o percentual de pessoas negras ingressas na universidade é de 2%.

---

<sup>148</sup> CARVALHO, 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie382empdf.pdf>>. Disponível em: 25 jul. 2006.

<sup>149</sup> CARVALHO, 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie382empdf.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2006

<sup>150</sup> CARVALHO, 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie382empdf.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2006.

<sup>151</sup> CARVALHO, 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie382empdf.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2006.

<sup>152</sup> CARVALHO, 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie382empdf.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2006.

Por acreditar na possibilidade de mudança dessa realidade, o CECUNE, como uma ONG do Movimento Negro organizado, tem assumido ações educativas que pretendem fazer diferença e contribuir para avanços rumo a uma realidade mais justa. Neste sentido, destacamos uma das ações do CECUNE, o convênio que estabelece parceria com o Centro Universitário Metodista IPA, como exemplo de inclusão que tem possibilitado o acesso de jovens negros e negras ao mundo acadêmico. Com essa iniciativa, o acesso ao ensino superior, que em muitos casos ficava fora do limite do possível, se realiza. Como indica o relato de Cristiane Gomes da SILVA<sup>153</sup>: “Percebo uma bela saída e uma iniciativa nobre para jovens como eu que nunca imaginava cursar uma faculdade...”<sup>154</sup>

O convênio foi estabelecido em 2004, tendo como objetivo “estabelecer e regulamentar um programa de cooperação técnica e científica”<sup>155</sup> entre as partes envolvidas. Como anexo ao convênio mencionado, foi estabelecido um termo aditivo que prevê a disponibilidade de no mínimo 30 vagas para negros indicados pelo CECUNE, a cada semestre. Através do convênio, o CECUNE cumpre um de seus objetivos permanentes: “... promover ações de capacitação e formação profissional que viabilizem a inclusão social”.<sup>156</sup>

O ingresso das(os) candidatas(os) se dá a partir da inscrição regular no vestibular e auto-declaração de pertencimento racial, bem como preenchimento da ficha de inscrição, solicitando bolsa carência, efetuada mediante simulação de dados que deverão ser comprovados no caso de aprovação no vestibular,<sup>157</sup> a modalidade adotada no processo de regramento do acesso à oferta de bolsas – livre acesso à inscrição para candidatas(os) que se enquadrassem no perfil essencial

---

<sup>153</sup> Associada filiada ao CECUNE e estudante do 6º período de Fonoaudiologia, respondendo à pergunta “Como você vê a relação de parceria entre o CECUNE e o IPA?”, através de e-mail datado de 20 de jul.2006. Cf. anexo 4.

<sup>154</sup> Cf. anexo 4.

<sup>155</sup> Convênio que entre si celebram o Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista – IPA e o Centro Ecumênico de Cultura Negra – CECUNE.

<sup>156</sup> Alínea II do Artigo 1º do Título I – Da associação: denominação, objetivos, sede, foro, duração e atuação, do Estatuto do CECUNE.

<sup>157</sup> A aprovação no vestibular é critério *sine qua* para ingresso na universidade. Cf. SILVA. **Negros na universidade e produção do conhecimento**, p. 46.

caracterizador da política implantada (estudantes negros(as), economicamente carentes).<sup>158</sup>

Os números<sup>159</sup> de acesso de pessoas negras à universidade desde o estabelecimento da parceria CECUNE/IPA, são:

→ 2004: 35 estudantes, sendo 25 mulheres e 10 homens, no 1º semestre; 74 estudantes, sendo 52 mulheres e 22 homens, no 2º semestre;

→ 2005: 94 estudantes, sendo 64 mulheres e 30 homens, considerando os dois semestres;

→ 2006: 87 estudantes, sendo 59 mulheres e 28 homens, no 1º semestre.

Portanto, mediante este convênio, estão fazendo sua formação em nível superior no IPA, 200 negras e 90 negros, totalizando 290 estudantes. O número de mulheres é 2,3 vezes maior que o de homens, evidenciando um recorte de gênero presente na educação. Fica o registro para o aprofundamento posterior desta pesquisa.

Esta inclusão de estudantes negros no ambiente acadêmico do IPA tem estimulado e possibilitado conseqüências tais como:

1) **A diversidade étnico-racial:** com a promoção do ingresso de estudantes negros e negras no Centro Universitário Metodista IPA, o CECUNE tem contribuído para um ambiente de convivência com a diversidade étnico-racial. Segundo Rita

---

<sup>158</sup> Resposta de Suzana RIBEIRO, coordenadora do CECUNE, à pergunta “Em que medida o ecumenismo define e sustenta a concepção de ação educativa de inclusão do CECUNE no IPA?”. Cf. anexo I.

<sup>159</sup> Os números apresentados foram informados pela Coordenação do CECUNE através de e-mail datado de 09 de jul. 2006.

Laura SEGATO<sup>160</sup>, em sua “análise das formas de impacto na academia e na sociedade”<sup>161</sup>, há pelo menos nove “possíveis benefícios”<sup>162</sup>:

a) instaura um processo de reparação histórica, à medida que se admite a existência do racismo e suas conseqüências danosas à população negra. É o que SEGATO denomina “eficácia reparadora”;<sup>163</sup>

b) possibilita a atitude de correção do erro histórico que delegou à população negra a exclusão do ambiente acadêmico. É o que SEGATO chama “eficácia corretiva”;<sup>164</sup>

c) concede o acesso da população negra ao ensino superior, sem perder de vista a necessidade de mudanças estruturais na qualidade do ensino em todos os níveis. A medida deve ser entendida, além de reparadora e corretiva, também como uma medida de “eficácia educativa imediata”;<sup>165</sup>

d) garante à universidade uma alternativa de espaço laboratorial de experimentação pedagógica e sociológica, onde a observação poderá resultar intervenções reparadoras, possibilitando um processo contínuo de avaliação e intervenção, na busca pelo aperfeiçoamento do experimento. Constitui-se uma “eficácia experimental”;<sup>166</sup>

e) favorece e estimula um ambiente plural, onde a diversidade étnico-racial, dentre outras, torna o aprendizado mais fértil. A multiplicidade de experiências provoca um clima de maior sociabilidade entre as diferenças. Percebe-se aí, a

---

<sup>160</sup> Rita Laura SEGATO, é doutora em Antropologia e professora do Departamento de Antropologia da UnB – Universidade de Brasília.

<sup>161</sup> CARVALHO, 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie382empdf.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2006.

<sup>162</sup> Esses “possíveis benefícios” ela também denomina de “impactos de formas particulares de eficácia”, quando da adoção de um programa de cotas na universidade. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2006.

<sup>163</sup> Esses “possíveis benefícios” ela também denomina de “impactos de formas particulares de eficácia”, quando da adoção de um programa de cotas na universidade. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

<sup>164</sup> Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

<sup>165</sup> Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

<sup>166</sup> Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

“eficácia pedagógica”,<sup>167</sup> que garante a fecundidade dos múltiplos saberes dos agentes envolvidos;

f) desencadeia um processo de mudança do que José Jorge de CARVALHO denomina como “injustiça simbólica”,<sup>168</sup> possibilitando que crianças e jovens passem a encontrar mais professores/as negros/as e tenham nelas/es referenciais de identificação afetiva para desenvolverem suas próprias capacidades. É o que SEGATO denomina como “eficácia educativa de espectro ampliado”;<sup>169</sup>

g) efetiva a denúncia do racismo, assumindo uma postura política à medida que provoca uma reflexão contemporânea sobre a existência da discriminação racial no Brasil; acentuando a “eficácia política”<sup>170</sup> quando se possibilita o acesso de estudantes negros e negras através do sistema de cotas;

h) fomenta a consciência de cidadania, contribuindo para uma ação transformadora de uma realidade excludente que dificulta ou impossibilita o acesso da população negra à universidade. SEGATO chama esse benefício de “eficácia formadora de cidadania”;<sup>171</sup>

g) propicia a valorização da auto-estima da população negra, à medida que se torna instrumento que comunica as possibilidades de inserção e ascensão desta população, oportunizando que ela ocupe espaços que durante tanto tempo lhe foi inacessível. Como afirma SEGATO: “À medida em que o signo do negro, o rosto negro, se fizer presente na vida universitária, assim como em posições sociais e profissões de prestígio onde antes não se inseria, essa presença tornar-se-á

---

<sup>167</sup> Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

<sup>168</sup> CARVALHO. **Ações afirmativas para negros na pós-graduação, nas bolsas de pesquisa e nos concursos para professores universitários como resposta ao racismo acadêmico**, p.161-190.

<sup>169</sup> CARVALHO e SEGATO, José Jorge e Rita Laura. **Uma Proposta de Cotas para Estudantes Negros na Universidade de Brasília**. Parte 2: A eficácia das cotas para negros na universidade: uma análise das formas de impacto na academia e na sociedade. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 de jul. 2006.

<sup>169</sup> Esses “possíveis benefícios” ela também denomina de “impactos de formas particulares de eficácia”, quando da adoção de um programa de cotas na universidade. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

<sup>170</sup> Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

<sup>171</sup> Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

habitual e modificará as expectativas da sociedade.”<sup>172</sup> O que ela chama “eficácia comunicativa”<sup>173</sup>.

2) **A capacitação de estudantes:** Os estudantes aprovados no Vestibular para o ingresso na universidade, contemplados pelo convênio com uma bolsa integral, recebem uma capacitação que visa a sua preparação para a inserção no ambiente acadêmico e o fortalecimento da identidade étnica. O curso aconteceu para as turmas que ingressaram em 2004, bem como as turmas que ingressaram em 2005.1, 2005.2 e 2006.1, com carga horária de 72 horas.<sup>174</sup>

3) **O grupo de estudos:** criado a partir da relação de parceria CECUNE/IPA, o Grupo de Estudos sobre Diversidade e Relações Étnico-raciais é uma iniciativa ligada às Cátedras de Gênero e de Direitos Humanos do Centro Universitário Metodista IPA, constituído por pessoas associadas do CECUNE e docentes do IPA, que tem oportunizado um espaço de reflexão e estudo sobre conceitos envolvidos no contexto da temática da negritude, das ações afirmativas, da diversidade e das relações étnico-raciais. Um dos assuntos pautados nos encontros do grupo é a preocupação com uma temática presente nos escritos de Boaventura de Sousa SANTOS<sup>175</sup>, e outros intelectuais que tratam a questão do acesso na universidade: ações afirmativas que visem não somente ao ingresso do negro na universidade, mas também sua permanência e obtenção de sucesso acadêmico e profissional<sup>176</sup>. Como conseqüência, o grupo tem se proposto a empreender pesquisa incidente sobre todo o universo instaurado na Instituição de Ensino em decorrência dessas ações afirmativas, iniciando pelo acompanhamento e análise dos índices de evasão e permanência discente, com objetivos de acompanhar criticamente o processo e

---

<sup>172</sup> Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

<sup>173</sup> Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 jul.2006.

<sup>174</sup> É exigência do Regimento Interno do IPA que a(o) estudante bolsista preste 72 horas de serviço comunitário em instituições sociais regulamentadas pelo CECUNE. A próxima edição do curso suprimirá esta exigência, uma vez que se tem o entendimento que o curso de capacitação habilitará a(o) estudante para a prestação de serviço comunitário para os semestres conseqüentes.

<sup>175</sup> Boaventura de Sousa Santos é sociólogo, professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, diretor do Centro de Estudos Sociais.

<sup>176</sup> SANTOS, Boaventura e Souza. A Questão do Acesso na Universidade do Século XXI. In: **Revista Advir**. nº. 19. Rio de Janeiro: ASDUERJ, setembro de 2005, p. 7.

contribuir para o fortalecimento do debate nacional sobre esta temática. Estimular e promover ações de pesquisa são marcas objetivas das ações do CECUNE.

4) **O curso de capacitação para docentes:** a partir da parceria CECUNE/IPA, foi acolhida a solicitação da Secretaria Municipal de Educação – SMED, para a disponibilidade do espaço físico do Centro Universitário Metodista IPA, para realização do Curso A Cor da Cultura: “projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira”,<sup>177</sup> fruto da parceria entre o Canal TV Futura, a Rede Globo de Televisão, a PETROBRAS, a SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial e o CIDAN – Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro, que contribui para a implementação das normas estabelecidas pela Lei federal nº 10.639, de 2003. Como resultado, o CECUNE e o IPA têm possibilitado a capacitação de alguns de seus associados e docentes, respectivamente, para promoção da multiplicação dos conteúdos apreendidos no Curso A Cor da Cultura, em Encontros abertos às comunidades acadêmica e externa. Na primeira edição, houve um alcance modesto de cerca de quarenta e cinco pessoas. Os encontros foram ministrados por uma equipe de quatro docentes do IPA, duas docentes do Colégio Americano<sup>178</sup> e a coordenadora do CECUNE. Estimular a manutenção de sistemas de educação e assistência tem sido um dos objetivos permanentes do CECUNE, em respeito ao seu Estatuto.

5) **A visibilidade das ações afirmativas do IPA:** A partir da parceria com o CECUNE, o IPA tem se tornado referência para assuntos de ações afirmativas. Durante o mês de julho de 2006, o IPA recebeu a visita da Ministra Matilde RIBEIRO, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial - SEPPIR, que tomou conhecimento do trabalho que o Centro Universitário realiza relativamente à adoção de ações afirmativas para inclusão de negros e negras na universidade. Na ocasião, abriu um diálogo entre o IPA e a SEPPIR, convidando a Direção do IPA para agendar uma visita ao Gabinete Ministerial, com possibilidades de parceria. Também em julho, o IPA recebeu a visita do intelectual Jorge Aparecido

---

<sup>177</sup> Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br>>. Acesso em: 23 de jul. 2006.

<sup>178</sup> O Colégio Americano faz parte da Rede Metodista, na qual também está inserido o Centro Universitário Metodista IPA. O Colégio oferece os níveis de ensino fundamental, básico e médio.

MONTEIRO, mestre em sociologia, consultor empresarial e autor de quatro livros sobre empreendedorismo negro, que proferiu palestra destacando que “a maioria dos 80 milhões de negros do país estão nos empregos em que o rendimento é menor, e ainda assim recebem 30% menos que os brancos com o mesmo grau de escolaridade”.<sup>179</sup> Promover ou participar de eventos educacionais, culturais, artísticos, e políticos, também tem sido um dos objetivos permanentes e presentes nas ações do CECUNE.

### **3.3 – “Em que medida o ecumenismo define e sustenta a concepção de ação educativa de inclusão do CECUNE no IPA? Como se dá a relação de parceria do IPA com o CECUNE?”<sup>180</sup>**

#### **3.3.1 – Do ponto de vista do CECUNE**

Verifiquemos nas respostas<sup>181</sup> dos associados-fundadores entrevistados, a percepção de ecumenismo presente na relação de parceria entre a ONG e o Centro Universitário:

Suzana Mariza RIBEIRO:

Em primeiro lugar, a modalidade adotada no processo de regramento do acesso à oferta de bolsas – livre acesso à inscrição para candidatas(os) que se enquadrassem no perfil essencial caracterizador da política implantada (estudantes negros(as), economicamente carentes). Outras opções poderiam ser escolhidas – o rateio das vagas apenas entre candidatos comprovadamente militantes, por exemplo. Em segundo lugar, a construção de uma prática favorável à diversidade, a partir de um discurso que é das duas instituições envolvidas em que os seres humanos envolvidos são recebidos e acolhidos com a sua individualidade, os seus corpos físicos e sociais, a sua história e as suas opções. Na intervenção capacitadora e reconstrutora da identidade étnica a entidade pretende atuar promovendo a

---

<sup>179</sup> Disponível <<http://www.ipametodista.edu.br/institucional/canal/noticias>>. Acesso em: 25 jul.2006. Sobre este assunto, ver também o site da Fundação Getúlio Vargas, <<http://www4.fgv.br/cps/simulador/quali2/index.htm>>. Com base nessa pesquisa, a Fundação montou um simulador para salário e possibilidade de emprego considerando as variáveis: faixa etária, grau de estudo, sexo e raça (afro e não-afro).

<sup>180</sup> Perguntas presentes nos questionários respondidos pelos associados-fundadores do CECUNE e da Pró-reitoria do IPA. Cf. anexos 1, 2, 3, 4 e 11.

<sup>181</sup> As respostas (na íntegra), cf. nos anexos 1-4.



revalorização desses aspectos específicos da diversidade. Penso ser esta a inspiração ecumênica que o CECUNE tenta colocar em prática.<sup>182</sup>

Juarez RIBEIRO:

Na perspectiva de consolidação de políticas sociais que vêm sendo demandadas pelo movimento social negro brasileiro, implementando as ações afirmativas de acesso da população afro-brasileira no ensino universitário. Considero esta uma relação concreta e objetiva do IPA, no processo de inclusão educativa dos afrodescendentes em Porto Alegre RS.<sup>183</sup>

Wilson de SOUZA:

A visão de ecumenismo que temos, onde o respeito às diferenças como citado anteriormente nos dá sustentação e viabiliza um currículo escolar voltado às necessidades e aos interesses da comunidade negra e articulado com a realidade social e histórica dos espaços urbanos e rurais em níveis local, regional e nacional, acreditamos que o IPA está sintonizado com o CECUNE nesta proposta.<sup>184</sup>

Como pudemos perceber, está presente nas respostas a percepção da necessidade de implementação de políticas de ação afirmativa que possibilite o acesso da população negra carente à universidade. Esta é o interesse que move o CECUNE para uma ação de serviço e solidariedade em parceria com o IPA. Se recordarmos o que escrevemos no segundo capítulo, identificaremos o ecumenismo presente nesta relação de parceria, como sendo um exemplo de ecumenismo secular, onde “a preocupação com o serviço e a solidariedade em favor de um mundo melhor”,<sup>185</sup> é a prioridade.

Entendendo ‘parceria’ como uma junção de parceiros por um interesse comum<sup>186</sup>, uma vez que verificamos o ponto de vista do CECUNE, é igualmente importante conferir o ponto de vista do Centro Universitário Metodista IPA.

---

<sup>182</sup> Cf. anexo 1.

<sup>183</sup> Cf. anexo 2.

<sup>184</sup> Cf. anexo 4.

<sup>185</sup> Cf. item 2.3.5 do capítulo II deste trabalho.

<sup>186</sup> Cf. LUFT, Pedro Celso. **Mini Dicionário Luft**, Porto Alegre, 1991, p. 468.

### 3.3.2 – Do ponto de vista do IPA

Segundo o relato do professor Dr. Francisco CETRULO Neto, ex-Assessor de Extensão e Ação Comunitária<sup>187</sup>, atual Pró-Reitor Acadêmico do Centro Universitário Metodista IPA:

Nossa relação com o CECUNE não se dá devido ao ecumenismo de ambas as instituições. Ou entre as duas instituições. Nossa relação se dá porque trabalhamos com um público alvo comum... Feita a pergunta essencial: qual é fim que nos une? Tudo o mais é secundário. Ecumenismo não se discute, se pratica. Solidariedade não se discute, se pratica. Inclusão não se discute, se pratica. (...) Quando firmamos uma parceria não discutimos os fundamentos filosóficos que sustentam os parceiros. Discutimos os objetivos comuns que nos levam a dialogar e a firmar convênios. Quando percebemos que os nossos fins são análogos temos convicção que nos movem motivações semelhantes. (...) Ou seja, praticamos um outro tipo de ecumenismo. Um ecumenismo que nasce na ação comum. Não um ecumenismo que se fundamente em comunhão de doutrinas. Nessa perspectiva, dificilmente se chega a consensos. John Wesley era do “pensar e deixar pensar”.<sup>188</sup>

Se considerarmos a primeira parte da resposta de CETRULO, quando ele afirma que a relação entre o IPA e o CECUNE não se dá devido ao ecumenismo, mas pela afinidade de interesse de trabalhar com um público comum, talvez nos pareça que o ecumenismo não esteja presente nesta relação, a partir do ponto de vista do IPA. No entanto, a pergunta essencial, segundo ele, quanto ao fim que une as duas instituições, revela-nos em sua resposta uma percepção muito semelhante a que foi apresentada nas respostas dos associados-fundadores do CECUNE. Vejamos sua resposta:

(...) Ecumenismo não se discute, se pratica. Solidariedade não se discute, se pratica. Inclusão não se discute, se pratica. (...) Quando firmamos uma parceria não discutimos os fundamentos filosóficos que sustentam os parceiros. Discutimos os objetivos comuns que nos levam a dialogar e a firmar convênios. Quando percebemos que os nossos fins são análogos temos convicção que nos movem motivações semelhantes. (...) Ou seja, praticamos um outro tipo de ecumenismo. Um ecumenismo que nasce na ação comum. Não um ecumenismo que se fundamente em comunhão de doutrinas.<sup>189</sup>

---

<sup>187</sup> A Coordenadoria de Extensão e Ação Comunitária é a instância da Pró-reitoria Acadêmica que promove o diálogo para estabelecimento de parcerias entre o Centro Universitário e representantes de movimentos sociais, como é o caso do CECUNE.

<sup>188</sup> Cf. anexo 11.

<sup>189</sup> Cf. anexo 11.

Vemos na prática de solidariedade e inclusão, que o modelo de ecumenismo secular também está presente na percepção do IPA. Conforme as palavras de CETRULO: “A parceria com o CECUNE se deu na perspectiva de incluir a população negra na universidade”,<sup>190</sup> é o interesse comum entre as instituições, como também verificamos no ponto de vista do CECUNE.

A relação de parceria entre o IPA e o CECUNE, identificada como o ecumenismo secular, tem na educação seu ambiente de atuação. Por isso, é importante considerarmos o conceito geral de educação, a partir da compreensão da Igreja Metodista, apresentado no documento Plano para Vida e Missão da Igreja<sup>191</sup>, para em seguida percebermos que tipos de educação são compreendidos pela Igreja Metodista.

Primeiramente, faz-se necessário destacar a compreensão da Igreja Metodista, de que a Educação é parte da Missão, sendo “... o processo que visa oferecer à pessoa e comunidade, uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo, e questionando os sistemas de dominação e morte, à luz de Deus”<sup>192</sup>.

A Igreja Metodista classifica a educação como: cristã, teológica e secular. Sendo a última a que é aplicada “... na comunidade, sobretudo nas áreas carentes; nas instituições de ensino em todos os graus; no processo de reformulação do sistema educacional do país; nos órgãos educacionais da Igreja”<sup>193</sup>. No caso específico da educação secular, há um compromisso da Igreja em formar profissionais para o mercado de trabalho que tenham consciência crítica dos problemas da sociedade. A partir da compreensão da Igreja Metodista do que é educação secular, destaquemos alguns objetivos:

---

<sup>190</sup> Cf. anexo 11.

<sup>191</sup> Documento de grande importância que

<sup>192</sup> IGREJA METODISTA. **Plano para a Vida e a Missão**. Mensagem recebida por <lilian.lira@ipametodista.edu.br> em 26 de jul. 2006.

<sup>193</sup> IGREJA METODISTA. **Credo Social**. Mensagem recebida por <lilian.lira@ipametodista.edu.br> em 26 de jul. 2006.

- capacitar a comunidade para cooperar no processo de transformação da sociedade, na perspectiva do Reino de Deus;
- ser a instituição educacional agente para atuar na sociedade na perspectiva do reino de Deus;
- apoiar todas as decisões que promovam a vida, denunciar e combater todas as ações que destruam a vida; (...)
- propiciar possibilidades de estudos a alunos carentes.<sup>194</sup>

Possibilitar o acesso a membros da comunidade negra, que durante tantos séculos têm sido mantidos excluídos do convívio acadêmico, é colaborar com o difícil e necessário processo de transformação da sociedade. E se entendermos a palavra exclusão como um eufemismo para falar de morte, assumir a necessidade de implementação de ações afirmativas em prol da comunidade negra é denunciar o racismo e apoiar a promoção da vida.

Se admitirmos que o racismo é um grave problema social, que tem como essência a negação da humanidade e de direitos de mulheres e homens negros, como já dissemos anteriormente, e reportando-nos ao que o Credo Social da Igreja Metodista<sup>195</sup> define como problemas sociais, "... manifestações patológicas do organismo social como um todo; originam-se de situações estruturais da sociedade e da mentalidade das pessoas conduzindo-as a condições de vida subumana e produzindo a marginalização sócio-econômica e cultural de indivíduos e populações"<sup>196</sup>; admitiremos igualmente que a parceria estabelecida cumpre o papel confessional da Igreja Metodista, que entende que uma de suas principais ações deve ser de apoio a movimentos que promovam à libertação das pessoas oprimidas, à luz do Evangelho de Jesus Cristo.

---

<sup>194</sup> IGREJA METODISTA. **Credo Social**. Mensagem recebida por <lilian.lira@ipametodista.edu.br> em 26 de jul. 2006.

<sup>195</sup> Usando as palavras que constam na apresentação do referido documento, o Credo Social da Igreja Metodista é "sua doutrina social, a declaração da responsabilidade social da Igreja frente aos desafios dos nossos tempos, e como resposta missionária ao apelo do Evangelho do Senhor Jesus." IGREJA METODISTA. **Credo Social**. Mensagem recebida por <lilian.lira@ipametodista.edu.br> em 26 de jul. 2006.

<sup>196</sup> IGREJA METODISTA. **Credo Social**. Mensagem recebida por <lilian.lira@ipametodista.edu.br> em 26 de jul. 2006.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho pretendeu ser uma modesta contribuição, fruto de uma pesquisa de Teologia, na área de Religião e Educação, reunindo análise de um tema que possibilitou um diálogo entre a teologia e a educação: “O Centro Ecumênico de Cultura Negra e suas Ações Educativas”.

A experiência do CECUNE como ONG atuante em Porto Alegre há quase vinte anos e sua atuação como sujeito histórico no complexo contexto das relações sociais demarcadas pelo racismo, tem promovido o resgate da história do povo negro, a partir de estudos sobre a história e a cultura da África, como componentes imprescindíveis à formação histórica do povo brasileiro.

Procuramos compreender a origem e as ações desta ONG, fazendo uma breve incursão na história do Movimento Negro, procurando perceber suas ações de resistência como procedimentos que promovem a educação. A partir da nomenclatura o CECUNE, veio-nos a interrogação sobre o significado do termo ‘ecumênico’, o que procuramos responder ao longo do segundo capítulo, apontando que o ser ecumênico para o CECUNE tem a ver com a identidade negra das pessoas que compõem a organização. Ponto de convergência das respostas dos associados-fundadores entrevistados.

Vimos também os vários significados do termo ecumenismo, bem como os diversos tipos de ecumenismo, desde o ecumenismo institucional (eclesiástico), ao ecumenismo de base e o ecumenismo secular. Por fim, destacamos a participação desta organização no movimento ecumênico.

No terceiro e último capítulo, apresentamos alguns resultados da parceria entre o CECUNE e o Centro Universitário Metodista IPA, procurando refletir sobre as percepções das duas instituições, a partir dos relatos de seus representantes entrevistados. A partir dos relatos, pudemos inferir que o tipo de ecumenismo que tem embasado a relação de parceria entre as duas instituições é, sem sombra de dúvida, o ecumenismo secular, cuja preocupação primeira é a luta por direitos humanos e justiça como interesse comum.

A pesquisa se propôs a contribuir na ampliação de estudos sobre as ações afirmativas, a partir do exemplo da parceria CECUNE/IPA, destacando os benefícios alcançados por esta iniciativa. Do ponto de vista do IPA, a parceria com um movimento social que tem experiência de atuação no que diz respeito ao resgate da dignidade da população negra, foi e tem sido imprescindível para a introdução madura e segura deste tema na pauta da universidade.

A partir da experiência apresentada, percebe-se a necessidade de acompanhamento do processo, com vistas a continuidade, garantindo também, além do ingresso de pessoas negras à universidade, sua permanência e seu sucesso. Para tanto, vale apontar algumas pistas que poderão ser seguidas na elaboração de um trabalho futuro de doutorado, como: o recorte de gênero (vimos que desde a implementação do convênio entre o CECUNE e o IPA, ingressaram na universidade muito mais mulheres do que homens, 270 negras e 117 negros); as questões de evasão e permanência; sobre os cursos mais procurados; o acompanhamento do processo de elaboração de um programa de políticas afirmativas no Centro Universitário Metodista IPA, a partir da relação com o CECUNE. Como vimos, os resultados dessa parceria vão além da questão de cotas, tendo desdobramentos que, sendo ainda muito recentes, necessitam de acompanhamento, reflexão e teorização, para fortalecimento das ações que vêm sendo realizados.

Embora não tenham sido apresentados os conflitos resultantes dessa experiência, é importante que seja dito que elas existem. Pois não é difícil imaginar que as mudanças propostas pela experiência de inclusão de jovens negros e negras carentes no ensino superior, que resultam na diversidade étnico-racial, na visibilização da comunidade negra, que durante tanto tempo não encontrava espaço

na universidade, dentre outros benefícios apresentados na presente pesquisa, certamente gerem crises que precisam ser refletidas, possibilitando a estimulando a construção de alternativas possíveis de enfrentamento e superação. Esses conflitos também são motivo para a continuidade dessa pesquisa.

De qualquer maneira, os passos dados até o presente momento, são suficientes para servirem de exemplo a ser seguido por outras instituições, tanto no Rio Grande do Sul, como em outras partes do país.

## ANEXO 1

Público alvo: associados(as)-fundadores(as)

Data: 16/07/2006.

### Identificação

Nome: Suzana Marisa Rodrigues Ribeiro

Idade: 52 anos

Sexo: feminino

Formação: superior com especialização

Profissão: advogada – funcionária pública aposentada

Estado civil: casada

Tempo de permanência no CECUNE: desde os primeiros movimentos para a criação da entidade (1986) – 20 anos

#### 1) O que quer dizer 'ecumênico' na nomenclatura do CECUNE?

O emprego do termo ecumênico na nomenclatura do CECUNE diz um pouco da origem das pessoas que se reuniram à época para criar a entidade, trazendo um viés teológico presente na vivência de cada um – quer dos cristãos quer dos não-cristãos que, sendo todos negros, já possuíam um olhar e um sentir em relação à intolerância religiosa e em relação ao ecumenismo como possibilidade fraterna e respeitosa de convívio inter-religioso. Contudo, alinhando-se mais o conceito ao ambiente da comunidade negra, e aos propósitos da instituição nascente, seus contornos buscaram a origem etimológica: a grande casa onde há lugar para todos e cada um, na tentativa de resposta ao excesso de segmentação observado nos movimentos atuantes à época, onde a diversidade encontrava muitos entraves – eram movimentos só de homens de meia idade, ou só de adeptos de um mesmo partido político, ou que não aceitavam negros cristãos ou que proibiam o acesso a negros policiais, por exemplo. Este grupo pensou que deveria criar um espaço onde a diversidade pudesse ser agregada – gênero, geração, escolaridade, profissão, opção política, opção religiosa, etc...

Então, ecumênico na nomenclatura do CECUNE quer dizer o desejo da diversidade na identidade de ser negro(a).

#### 2) Até que ponto o ecumenismo baliza as ações do CECUNE?



No aspecto contemporâneo do termo, que diz respeito às relações inter-religiosas, as ações do CECUNE são balizadas plenamente pelo ecumenismo. A instituição mantém internamente a conduta de acolhimento ao diálogo inter-religioso e o respeito e possibilidade de visibilidade da opção de fé de cada um dos seus membros e participantes, incluindo essa filosofia em suas ações educativas. Externamente, associa-se a ações de defesa à liberdade de culto e ao direito da diversidade nessa área, além de empenhar-se por fazer valer também em suas ações a concepção etimológica pela qual optou desde o início.

3) De que forma o ecumenismo se materializa nas relações estabelecidas entre o CECUNE e os setores sociais parceiros? Com quais organizações o CECUNE tem filiação ou tem parceria?

O CECUNE tem diálogo com qualquer instituição que possua princípios e finalidades que não contradigam os seus princípios e finalidades – instituições públicas e privadas. Ao longo destes 20 anos de existência o CECUNE manteve diálogos produtivos e parcerias, dentre outras organizações, com:

ISER – ONG de promoção social (estudos – pesquisa)

OLODUM – ONG de cultura afro-brasileira

CMI – Organização ecumênica eclesial mundial

CESE – ONG cristã incentivadora de projetos populares

CECA – ONG cristã voltada para a capacitação de agentes populares

CEBI – ONG cristã voltada para a capacitação bíblica

Igreja Metodista

Comunidade Terreira Ilé Àsé Yemonja Omi Olódò – comunidade religiosa de matriz afro-brasileira

EST – Escola Superior de Teologia, da Igreja Luterana

UNISINOS – Universidade privada

FACOS – Faculdades Comunitárias de Osório

CEDRAB-RS Congregação em Defesa das religiões Afro Brasileiras

Secretarias de Estado da Educação e da Cultura

Secretarias Municipais de Educação e de Cultura (Gravataí, Viamão, Porto Alegre)

Centro de Tradições Gaúchas (Bagé)

4) Em que medida o ecumenismo define e sustenta a concepção de ação educativa de inclusão do CECUNE no IPA?

Em primeiro lugar, a modalidade adotada no processo de regramento do acesso à oferta de bolsas – livre acesso à inscrição para candidatas(os) que se enquadrassem no perfil essencial caracterizador da política implantada (estudantes negros(as), economicamente carentes). Outras opções poderiam ser escolhidas – o rateio das vagas apenas entre candidatos comprovadamente militantes, por exemplo. Em segundo lugar, a construção de uma prática favorável à diversidade, a partir de um discurso que é das duas instituições envolvidas em que os seres humanos envolvidos são recebidos e acolhidos com a sua individualidade, o seus corpos físicos e sociais, a sua história e as suas opções. Na intervenção capacitadora e reconstrutora da identidade étnica a entidade pretende atuar promovendo a revalorização desses aspectos específicos da diversidade. Penso ser esta a inspiração ecumênica que o CECUNE tenta colocar em prática.

## ANEXO 2

Público alvo: associados(as)-fundadores(as)

Data: 16/07/2006.

### Identificação

Nome: Juarez Ribeiro

Idade: 51 anos

Sexo: Masculino

Formação: 2º grau

Profissão: Técnico em Publicidade e Propaganda

Estado civil: Casado

Tempo de permanência no CECUNE: 20 anos

1) O que quer dizer 'ecumênico' na nomenclatura do CECUNE?

Um jeito de conviver com as diferenças que existem entre nós mesmo. Ecumenismo intracultural e étnico.

2) Até que ponto o ecumenismo baliza as ações do CECUNE?

Quando tratamos de preconceito e discriminação racial, devemos buscar em todos os segmentos da sociedade uma relação de solidariedade em nossas questões.

3) De que forma o ecumenismo se materializa nas relações estabelecidas entre o CECUNE e os setores sociais parceiros? Com quais organizações o CECUNE tem filiação ou tem parceria?

A materialidade de nossa causa, interage com os demais setores do movimento social, a partir da necessidade de transversalizarmos ações políticas. Nossos parceiros estão localizados em diferentes organismos sociais: Agências financiadoras locais e internacionais, Governos municipais, estaduais e federal, Instituições religiosas protestantes, de matriz afro-brasileira e Movimentos Populares.

4) Em que medida o ecumenismo define e sustenta a concepção de ação educativa de inclusão do CECUNE no IPA?

Na perspectiva de consolidação de políticas sociais que vêm sendo demandadas pelo movimento social negro brasileiro, implementando as ações afirmativas de acesso da população afro-brasileira no ensino universitário. Considero esta uma relação concreta e objetiva do IPA, no processo de inclusão educativa dos afrodescendentes em Porto Alegre RS.

## ANEXO 3

Público alvo: associados(as)-fundadores(as)

Data: 20/07/2006.

### Identificação

Nome: Jorge Artur de Souza

Idade: 57 anos

Sexo: masculino

Formação: 2º grau

Profissão: Soldador

Estado civil: Casado

Tempo de permanência no CECUNE: Fundador.

#### 1) O que quer dizer 'ecumênico' na nomenclatura do CECUNE?

Aprender, ouvir o outro, confrontar com as nossas experiências, convicções e construir um ecumenismo que vá além das celebrações de pessoas de diferentes credos ou teologias.

Antes de ser uma entidade o CECUNE é um desafio. Paira sobre nós uma espiritualidade congênita: batuqueiros (culto aos orixás), umbanda, católicos, metodista e até pessoas que não têm uma profissão de fé oficial.

Na área profissional, também não é diferente. Vamos encontrar: doméstica, metalúrgicos, professores(as), engenheira civil, publicitário, advogada, jornalista, administrador de empresa, técnico de enfermagem e universitários nas mais diversas áreas.

Como nos conhecemos? Em 1988, o tema da Campanha da Fraternidade era "A Fraternidade e o Negro" (Igreja Católica). Foi lançada uma cartilha "Ouvi o clamor desse povo negro". Dois anos antes, a Igreja Católica, através de suas lideranças, dioceses, promoveram seminário, palestras, com a temática negra. Num desses encontros, em Santa Cruz do Sul, promovido pelos APNS (Agentes de Pastoral do Negro), que nos conhecemos.

Eu, Jorge, Wilson, meu irmão, Carlão (Carlos José Di Paula), já nos conhecíamos das lutas trabalhistas, dos festivais de músicas do SESI.

À medida que fomos participando desses encontros, vimos que além das lutas por melhores salários, melhores condições de trabalho, havia um outro

componente – a cor da pele. Estas questões foram levadas para os festivais de músicas, para dentro das fábricas e para as ruas.

Observações foram feitas: nas greves os primeiros a serem demitidos eram os negros; os chefes eram brancos; os primeiros a apanhar da polícia e presos, eram os negros.

Juarez, Suzana, Petronilha, Vera Triunfo, Marlene Pare, Zenóbia ... traziam o lado mais acadêmico, intelectual.

Por que fundar o CECUNE, se já existia os APNS?

Ora, a Igreja Católica já tem sua estrutura definida, sua hierarquia. Em outras palavras, não tinha e não tem uma “cara negra”, mas a iniciativa foi e é válida. O desconforto ficava evidente. Por um lado, a Igreja dizia o que nós, negros, deveríamos fazer e dizer. Por outro lado, nós dizíamos: nós pensamos, queremos dizer o que pensamos, queremos fazer as coisas do nosso jeito.

Por iniciativa de Suzana e Juarez esse povo resolveu sentar para conversar e continuamos a fazer isto até hoje. Com a diferença que hoje é para avaliar o que já foi feito. Fazer uma auto-crítica, corrigir algumas coisas e planejar o futuro.

No início a única certeza que tínhamos é que sabíamos o que não queríamos.

Hoje, sabemos que o nosso ecumenismo é tirar o melhor de cada um, independente da sua formação intelectual, religião, profissão e sexo.

2) Até que ponto o ecumenismo baliza as ações do CECUNE?

O ecumenismo é a nossa cara. Não sabemos ser diferentes.

3) De que forma o ecumenismo se materializa nas relações estabelecidas entre o CECUNE e os setores sociais parceiros? Com quais organizações o CECUNE tem filiação ou tem parceria?

Basicamente uma relação de respeito e ética. Nós somos assim, pensamos assim e trabalhamos assim. Mas estamos abertos ao diálogo.

4) Em que medida o ecumenismo define e sustenta a concepção de ação educativa de inclusão do CECUNE no IPA?

A nossa parceria com o IPA ainda é uma situação nova para ambos. Temos que ter um olhar atento para lapidar o que está bom e corrigir o que não está dando certo.

## ANEXO 4

Público alvo: associados(as)-fundadores(as)

Data: 15/07/2006.

### Identificação

Nome: Wilson de Souza

Idade: 59 anos

Sexo: masculino

Formação: 1º grau

Profissão: Metalúrgico aposentado

Estado civil: Casado

Tempo de permanência no CECUNE: 18 anos.

1) O que quer dizer 'ecumênico' na nomenclatura do CECUNE?

A busca do conhecimento. Nele está presente o respeito à diversidade cultural, étnica, de gênero e opção sexual, religiosa e política.

2) Até que ponto o ecumenismo baliza as ações do CECUNE?

Diria que muito significativamente, pois nos permite uma visão de conhecimento comprometida com a transformação social, referenciada na realidade histórica, em interação com os diferentes saberes e valorização da cultura popular.

3) De que forma o ecumenismo se materializa nas relações estabelecidas entre o CECUNE e os setores sociais parceiros? Com quais organizações o CECUNE tem filiação ou tem parceria?

Esta materialização se expressa de forma objetiva, ativa e honesta. Comumente se diria bem clara, eu prefiro dizer, bem negra. Essa postura identifica quem somos, onde a responsabilidade e o respeito às diferenças como condição de construção social do conhecimento. (O CECUNE faz parcerias. Ex.: IPA).

4) Em que medida o ecumenismo define e sustenta a concepção de ação educativa de inclusão do CECUNE no IPA?

A visão de ecumenismo que temos, onde o respeito às diferenças como citado anteriormente nos dá sustentação e viabiliza um currículo escolar voltado às necessidades e aos interesses da comunidade negra e articulado com a realidade social e histórica dos espaços urbanos e rurais em níveis local, regional e nacional, acreditamos que o IPA está sintonizado com o CECUNE nesta proposta.



## ANEXO 5

Público alvo: associadas(os) filiadas(os) alunas(os) do IPA

Data: 19/07/2006.

### Identificação

Nome: Kyzzy Barcelos Barbosa

Idade:23

Sexo:feminino

Curso: Nutrição

semestre: 5

Ingresso (ano): 2004

previsão de término: 07/2008

Profissão: Estudante

Estado civil: Casada

Tempo de permanência no CECUNE: 7 anos

1) O que lhe motivou a fazer parte do CECUNE?

O contato permanente com meu pessoal negro.

2) Como você percebe as ações do CECUNE?

São ações que visam demonstrar para a comunidade negra o leque de capacitação, criatividade que nós, enquanto indivíduos da comunidade negra temos a oferecer.

3) Como você vê a relação de parceria entre o CECUNE e o IPA?

É o início da integração para a mudança.

## ANEXO 6

Público alvo: associadas(os) filiadas(os) alunas(os) do IPA

Data: 20/07/2006.

### Identificação

Nome: Cristiane Gomes da Silva

Idade: 23 anos Sexo: feminino

Curso:Fonoaudiologia semestre: 6º

Ingresso (ano): 2004/1 previsão de término: 2007/2

Profissão: Professora de Séries Iniciais

Estado civil: solteira

Tempo de permanência no CECUNE: 8 anos (acompanho o grupo desde 1998 e como coralista, desde 2002).

#### 1) O que lhe motivou a fazer parte do CECUNE?

Quando conheci o grupo, conheci meu companheiro. No começo, achei um grupo diferente, algo que jamais imaginaria ver 'um coral só de negros' aqui, e com uma proposta singular, um grupo que canta movimento negro ou seja para um movimento negro.

O que mais me motivou a estar no grupo foi a busca incessante por qualidades e virtudes que estavam em mim e eu não podia vê-los, por discriminação preconceito que passei e passou na época da escola. Também outro motivo foi a forma com que as pessoas foram recebidas e acolhidas pelo grupo, um ambiente amistoso, familiar onde todos se auxiliavam, colaboravam de forma extremamente significativo para o aprendizado crescimento e amadurecimento não só como cantar, mas como cidadão negro e consciente de sua identidade.

#### 2) Como você percebe as ações do CECUNE?

Percebo uma bela saída e uma iniciativa nobre para jovens como eu que nunca imaginava cursar uma faculdade, e hoje já estão. Apesar das dificuldades que cada um tem em mente, penso que isso não deve parar. Também acho que poderia ser mais adequada algumas normas da instituição IPA para os alunos bolsistas. Pois estas se tornam confusas no decorrer do tempo de permanência do aluno. Por exemplo, um aluno que passa por dificuldades em um semestre pode reprovar em

disciplinas e perder a bolsa, estando quase no término do curso, já outro aluno que passa todos os semestres reprovando em uma cadeira, não perde a bolsa. Penso que algumas normas são arbitrárias e incoerentes, beneficiando muitas vezes quem não têm o devido merecimento e prejudicando alguns que têm motivos significativos e fortes para tal.

3) Como você vê a relação de parceria entre o CECUNE e o IPA?

Vejo uma relação de troca de conhecimentos de saberes, cultura, hábitos, de como as pessoas se vêem e se identificam acompanhado de um enriquecimento nesta relação de parceria.

## ANEXO 7

Público alvo: associadas(os) filiadas(os) alunas(os) do IPA

Data: 18/07/2006.

### Identificação

Nome: JOCELAINE MACHADO

Idade: 31

Sexo: F

Curso: Fonoaudiologia

semestre: 6°

Ingresso (ano): 2004

previsão de término: 2007

Profissão: Funcionária pública

Estado civil: divorciada

Tempo de permanência no CECUNE: 10 anos

#### 1) O que lhe motivou a fazer parte do CECUNE?

A vontade de fazer algo com “os meus”. Nasci numa colônia alemã, sujeita a todas as implicações por fazer parte de uma das poucas famílias negras da região. Não tinha referências sobre negritude, muito menos de orgulho por ser negra.

O CECUNE foi a possibilidade que encontrei de entrar em contato com as minhas origens e, além disso, poder participar da construção de uma história diferente daquela que visualizava quando criança.

#### 2) Como você percebe as ações do CECUNE?

Percebo que as ações do CECUNE são estratégicas e extremamente eficazes, porque mudam a vida das pessoas (emocionalmente, socialmente, economicamente, culturalmente).

#### 3) Como você vê a relação de parceria entre o CECUNE e o IPA?

Um exemplo a ser seguido e copiado. Penso que é uma relação inteligente, necessária, organizada e que agrega, de forma efetiva, as missões das duas instituições.

## ANEXO 8

Público alvo: associados(as) filiadas(os) alunas(os) do IPA

Data: 21/07/2006.

### Identificação

Nome: Nilson da Silva Araújo

Idade: 32

Sexo: masculino

Curso: Música-Licenciatura semestre:4º

Ingresso (ano): 2005 previsão de término: 2008

Profissão: músico professor

Estado civil: casado

Tempo de permanência no CECUNE: 5 anos

#### 1) O que lhe motivou a fazer parte do CECUNE?

O projeto canto e coral, inovador no estado, talvez no país, através da linguagem artística a promoção do discurso anti-racista, em locais que de outra forma não chegaria.

#### 2) Como você percebe as ações do CECUNE?

De forma ativa e eficaz, pelo fato de que neste estado de colonização portuguesa, alemã e italiana onde o racismo anti-negro é arditamente praticado e o movimento negro é desorganizado a ONG CECUNE é respeitada, muito solicitada pelos meios de comunicação e temida pelos veículos racistas.

#### 3) Como você vê a relação de parceria entre o CECUNE e o IPA?

Extremamente positiva e com imensa satisfação. Embora difamada pelas pessoas que não foram contempladas e também por algumas que foram contempladas e usufruíram de forma equivocada e apregoam um suposto desacerto entre as partes, as duas instituições estão de parabéns.

## ANEXO 9

Público alvo: Coordenação do CECUNE

Data: 18/07/2006.

Identificação: Suzana Mariza Rodrigues Ribeiro

### 2º Questionário:

1) Nas respostas, registra-se que desde 1986 foram realizadas reuniões de planejamento para a criação do CECUNE. Onde, como, qual a regularidade e quantas pessoas participaram das reuniões?

Eram reuniões semanais – toda sexta-feira à noite, com cerca de 10 a 12 pessoas, inicialmente realizadas no salão da Igreja Metodista Central de Porto Alegre.

2) Navegando na internet, vi que o CECUNE é membro integrante da CELADEC - Comision Evangelica Latinoamericana de Educacion Cristiana. Desde quando e como se dá esta integração?

Desde essa época do início da criação – 1986, 87. Alguns dos participantes das reuniões referidas na resposta acima eram jovens metodistas ligados à CELADEC, não negros (brancos ou mestiços com herança indígena) e participaram desse processo organizativo inicial.

3) Considerando a consciência ecumênica do CECUNE desde a sua criação, a Teologia da Libertação teve alguma influência quando do nascedouro da organização?

Creio que sim. Esse pessoal tanto católico quanto metodista era todo de esquerda, ligado a outros movimentos populares comunitários e sindical e, por isso mesmo de tendência e influência da Teologia da Libertação.

4) Nas minhas consultas bibliográficas na internet, acessei os documentos das oficinas da II Consulta de Teologia e Culturas Afro-americanas e Caribenhas, realizado em 1994, e vi que Petronilha B.Gonçalves e Silva foi uma das participantes. Ela estava inscrita como associada-honorária do CECUNE? O CECUNE teve participação efetiva?

Enquanto morou em Porto Alegre, a Dra. Petronilha esteve sempre junto com essa turma, assessorando e participando dos eventos, mais do que planejando. Não estava nas reuniões semanais, mas estava sempre disponível para participar dos eventos mais espaçados. Quando mudou-se para São Carlos, caracterizou a participação como honorária. Em todo lugar que ela vai, aponta em seu currículo a participação no CECUNE.

5) Segundo o então Jornal do CECUNE, no. 03, de julho/agosto/setembro/94, também em 1994, o CECUNE e o OLODUM realizaram o II Fórum Afro-Americano e Caribenho, em Porto Alegre (10-14 de agosto). O referido fórum intencionou preparar um espaço de reflexão e preparação para a Consulta que aconteceu em São Paulo (7-11 de novembro)?

Não tenho certeza disso. Penso que por tabela, sim, porque discutiu assuntos contemporâneos que eram a pauta geral do Movimento Negro. Esse fórum favoreceu o encontro dos intelectuais que gestaram a proposta de Universidade Livre que passou a ser executada em seguida pelo CECUNE. Estavam lá: Henrique Cunha Júnior, Marcelo Gentil, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Helena Theodoro, Marcos Rodrigues., Juarez Ribeiro. Eu, Suzana, não participei porque estava “chocando” o filhote – Daniel que nasceu em maio de 1993.

## ANEXO 10

Público alvo: Coordenação do CECUNE

Data: 18/07/2006.

Identificação: Suzana Mariza Rodrigues Ribeiro

### 3º Questionário:

1) Qual é a estrutura financeira e orçamentária do CECUNE?

A estrutura financeira e orçamentária do CECUNE é montada a partir de algumas políticas básicas:

- serviço voluntário (não há empregados permanentes na instituição); quando há despesa de remuneração de pessoal diz respeito a uma prestação de serviços com tempo determinado e de forma autônoma, geralmente com os valores previstos em algum Projeto;

- inexistência de sede própria – as instalações necessárias são cedidas por parceiros sociais (por exemplo, o Coordenador-Geral abriga em sua casa a secretaria da instituição, colocando à disposição das ações da entidade equipamentos – computador, telefone, máquina fotográfica, impressora, scanner, etc; para eventos que agreguem público as salas e instalações são negociadas, também por cedência de apoio ao evento por instituições públicas ou privadas agregadas à iniciativa como parceiras. Sendo assim, não há despesas fixas de manutenção a bancar (água, luz, gás, higiene e conservação, etc);

- captação financeira junto a fontes financiadoras para cobrir orçamentos específicos de projetos – Por exemplo: a edição de 2003 do projeto Universidade Livre teve um orçamento de R\$ 65.593,00. Esse valor cobriu 120 horas de capacitação, com hospedagem, alimentação e material didático (apostilas, bibliografia,) básico para as/os alunos desta turma (37 que se inscreveram e 23 que concluíram – presentes aos 6 módulos, de março a agosto em 80 horas de trabalhos) e, nos dois últimos módulos somam-se aos primeiros, os 49 ex-alunos que foram convidados a participar numa proposta de capacitação continuada, além da equipe de assessores/as. Os recursos captados dessa forma cobrem o projeto e caso haja sobra essa sobra é devolvida na Prestação de Contas.



- Projeto(s) auto-financiado: o projeto Coral mantém as políticas acima referidas (serviço voluntário, sem sede para sustentar – ocupa espaço físico cedido por parceria social em um Centro Universitário – instalações apropriadas do Curso de Música e captação específica para projetos maiores do que o corriqueiro) Então, em 2003, o orçamento da instituição não passou de R\$ 70.000,00; em 2004 foi de R\$ 5.950,00; em 2005 foi de R\$ 4.360,00. Em 2006 deverá ficar em torno de R\$ 30.000,00.

2) Recentemente, no 28º Concílio Geral da Igreja Metodista foi decidido que a igreja sairia de todos os organismos ecumênicos que contassem com a participação da igreja católica e de religiões não-cristãs. Qual a posição do IPA – que tem autonomia universitária - em relação a isso? Qual a posição dos metodistas no CECUNE? Como ficam as religiões africanas ou de matriz africana que não são cristãs no movimento ecumênico que tem clara hegemonia cristã? Seria imaginável igrejas cristãs pedindo filiação a alguma entidade ecumênica formadas por religiões africanas?

Sou Metodista principalmente pelo caráter democrático e ecumênico que vi na Igreja pela qual optei oficialmente depois de adulta, nos anos 60 – uma Igreja que, àquela época, possuía um Credo Social e havia sido um lugar de resistência à implantação da ditadura a ponto de sua faculdade de Teologia haver sido considerada por demais subversiva e por isso fechada pela repressão. A fala básica de John Wesley ao dizer que "o mundo é a minha paróquia" para mim legitima uma vocação ecumênica do Metodismo. Contudo, o CECUNE não é metodista. O CECUNE é um esforço ecumênico permanente e penso que continuará a ser. A única pessoa do CECUNE que é efetivamente membro da Igreja Metodista sou eu. Penso que não há tempo de fazer retrocessos. A vida é muito curta e há muito o que fazer pela justiça, pela paz, pela materialização do Reino de Deus entre nós (na concepção cristã de felicidade!). Particularmente vejo a viabilidade do ecumenismo na união de forças para o serviço no mundo, espaço em que o respeito à alteridade (com todos os aspectos do outro) pode ser exercitado. Não penso que devemos usar o argumento do ecumenismo para promover inculturações ou colonização religiosa. Não tenho condição de falar pelo IPA. O CECUNE estará aguardando a posição da Instituição que acaba de redigir seus documentos filosóficos (PDI, PPI)

fundamentados no Plano para Vida e Missão da Igreja Metodista vigente e no Credo Social. Nesses documentos estão explícitos valores como educação com pluralidade, diversidade, serviço em favor dos excluídos, combate à exclusão e ao sofrimento social, etc. Em relação à predominância das instituições cristãs nas organizações ecumênicas penso que é conseqüência e explicitação dos valores que realmente habitam nosso imaginário com a imposição da verdade dos mais poderosos. Há um caminho a percorrer na construção desse espaço de forma diferente a partir de outros princípios e padrões. Neste contexto, não seria imaginável os cristãos se inscrevendo em um espaço predominantemente marcado por outras matrizes de religiosidade, pela sua incapacidade de relativizar as suas verdades. Em verdade o respeito e o convívio, o diálogo com o outro e toda a sua cosmovisão diferenciada da minha requer um esforço grande e contínuo, uma vigilância, uma auto-crítica e uma reeducação constantes, conduta que, para funcionar, precisa ser movida por fé e convicção.

## ANEXO 11

Público alvo: Liderança do Centro Universitário Metodista IPA

Data: 03/08/2006.

### Identificação

Nome: Francisco Cetrulo Neto

Formação: Graduação em teologia, mestrado em planejamento do desenvolvimento, doutorado em Ciências Sociais.

Cargo: Pró-reitor acadêmico

#### 1) Que lugar ocupa no PPI e PDI do IPA as ações afirmativas?

(...) Há dois eixos norteadores da política da instituição em sua intenção de se transformar em universidade: A austeridade econômica e a inclusão social. Ou seja, fazemos todos os cortes de estrutura desnecessária, administração rigorosa das despesas e, por outro lado, grande investimento em conforto para o/a aluno/a em seu processo de aprendizado (acervo, laboratórios, acessibilidade, biblioteca/laboratório de informática e capela 24 horas). Na outra ponta fazemos da relação com a comunidade, em especial os setores organizados da mesma, representantes de segmentos populacionais empobrecidos, nosso objetivo de cumprir a missão social da igreja (somos uma instituição confessional). Assim foram firmadas as parcerias com CECUNE, FBM, ES, ACM, VIA, Fórum aids, AEPPA. Essas parcerias se caracterizam especialmente pela inclusão de alunos/as engajados nesses movimentos sociais, através de bolsas de estudo de 100%. São bolsas caracterizadas como de demanda coletiva. Ou seja, refletem a participação em um movimento social ou organização em que a aquisição do título de universitário tem significado mais amplo do que apenas a ascensão social individual; se caracteriza por um retorno social ao grupo de origem, fortalecendo uma identidade social e um ganho coletivo visto que há uma redução das desigualdades históricas produzidas socialmente. Temos também bolsas de 50%. Estas sim de demanda individual. A intenção, no entanto, é reduzir gradativamente esse tipo de bolsa visto que ela gera um distanciamento do indivíduo de uma visão a partir do grupo social.

As ações afirmativas vão para além das bolsas de demanda coletiva. Fomos à penitenciária oferecer curso de graduação às presas. Fomos à Restinga oferecer curso de graduação na periferia. Criamos cerca de 30 projetos de extensão nos quais a relação com a comunidade interna e externa é o foco principal.

## 2) Como se dá a relação de parceria do IPA com o CECUNE?

A parceria com o CECUNE se deu na perspectiva de incluir a população negra na universidade. Entidade tradicional na cidade, o CECUNE possui uma experiência no trato das questões referentes ao processo de resgate da dignidade do povo negro da cidade que não encontramos no ambiente da universidade. Assim, decidimos que ter um parceiro dessa relevância seria encaminhar a questão da inclusão de negros com uma segurança não atingível a depender de nosso corpo funcional. Obviamente que a parceria implicou, paralelamente, a formação de quadros internos que acompanhassem o projeto e refletissem sobre o mesmo. Isso foi se constituindo paulatinamente porque a inclusão de docentes negros não tem sido tarefa fácil, pois necessitamos agregar currículo (e como agregar currículo de negros se o acesso apenas agora é discutido?) e aderência à disciplina para a qual se necessitava de contratação. Isso apenas recentemente pode ensejar a recepção de um grupo de pessoas negras dispostas a abraçar o projeto. Também devemos isso, em grande medida, ao CECUNE.

A inclusão de diferentes (chamo diferentes porque aqui devem ser agregados os índios, os estrangeiros, os PPds e as presas que estudam conosco) trouxe vitalidade ao ambiente universitário. O maior ganho que pode advir de todos esses projetos é a relação que esta inclusão provoca. Os atritos, as rugas os sentimentos inconfessos, os insinuados e os manifestados abertamente são o fator gerador de colocar os assuntos em pauta no processo pedagógico. O docente que não sabe lidar com isso tem que aprender. O/a aluno/a que não sabia convir é forçado a conviver. “O ferro com ferro se afia” (acho que é provérbio). Os problemas surgem. Inúmeros. Ora, mas são justamente os problemas surgidos que ocasionam, na necessidade de superá-los, o aprendizado e a criação de uma nova cultura. De um novo egresso. É um ambiente tenso. A tensão é a oportunidade de surgir o novo.

Somente uma direção forte com uma clareza de princípios pode dar direção a esse processo e permitir que nova visão se instale. Assim essas políticas têm que

estar claras em documentos, em ações, em palavras. Coerência entre essas instâncias.

Quem faz essa opção escolhe conviver com os problemas. Analisar previamente os problemas com um olhar covarde levaria a não seguir nessa direção. Quero dizer que esta é uma opção. Uma escolha. Depende de coragem, de ousadia. Qualquer outro juízo perguntaria primeiro pelos riscos de perder alunos/as que pagam regularmente suas mensalidades. Quando a coragem vence o medo, percebe-se que a própria sociedade anseia por projeto com essas características. Essa opção nos coloca no cenário nacional como um projeto a ser conhecido e imitado.

Interessante notar que o crescimento vertiginoso que tivemos tem uma relação direta com esta escolha institucional. São 2.700 bolsista hoje, no IPA. Quase um terço dos/as alunos/as são bolsistas. Poderíamos ter apenas os pagantes. Não teríamos necessidade de prédio novo, de novos laboratórios, de mais livros na biblioteca, etc. etc. Com isso quero dizer o seguinte. O investimento feito para ter esse processo de inclusão não custa ao IPA apenas os 20% de sua receita que se referem à filantropia. Para ter esse contingente a mais de alunos/as é necessário quase dobrar a infra-estrutura. Isso não aparece como investimento em inclusão. É da ordem do administrativo. Assim também as bolsas para estrangeiros que não podem ser abatidas da filantropia. E, neste caso, há o investimento em moradia e alimentação feito pelo IPA.

Todo esse investimento tem um sentido. Um sentido pedagógico. O aprendizado se dá a partir da convivência. É possível ser um profissional respeitável e isso se aprende na universidade. É possível também ser um/a cidadão/ã responsável. E isto também se aprende na universidade.

3) Em que medida o ecumenismo define e sustenta a concepção de ação educativa de inclusão do CECUNE no IPA?

Nossa relação com o CECUNE não se dá devido ao ecumenismo de ambas as instituições. Ou entre as duas instituições. Nossa relação se dá porque trabalhamos com um público alvo comum e, na parceria, podemos oferecer um melhor serviço a esse público. Não perguntamos pelo ecumenismo, perguntamos se os nossos fins são os mesmos. Não perguntamos pelas crenças de uma e de outra instituição, perguntamos pelas pessoas a quem poderíamos servir e pelos ganhos

que estas pessoas teriam se nós nos uníssemos. Feita a pergunta essencial: qual é fim que nos une? Tudo o mais é secundário. Ecumenismo não se discute, se pratica. Solidariedade não se discute, se pratica. Inclusão não se discute, se pratica. Temos belos seminários sobre inclusão, sobre ações afirmativas. Livros são publicados, teses são defendidas. Só depois de ter feito todas essas ações é possível teorizar sobre elas. A teorização sem a prática que a sustente é discurso vazio.

Quando firmamos uma parceria não discutimos os fundamentos filosóficos que sustentam os parceiros. Discutimos os objetivos comuns que nos levam a dialogar e a firmar convênios. Quando percebemos que os nossos fins são análogos temos convicção que nos movem motivações semelhantes. Pelo fruto se conhece a árvore. Ou seja, praticamos um outro tipo de ecumenismo. Um ecumenismo que nasce na ação comum. Não um ecumenismo que se fundamente em comunhão de doutrinas. Nessa perspectiva, dificilmente se chega a consensos. John Wesley era do “pensar e deixar pensar”.

4) Recentemente, no 28º Concílio Geral da Igreja Metodista, foi decidido que a Igreja sairia de todos os organismos ecumênicos que contassem com a participação da igreja católica e de religiões não-cristãs. Se a Igreja é a mantenedora do Centro Universitário, qual a posição do IPA em relação a isso e como fica a parceria com o CECUNE?

A decisão da Igreja é bem clara e restrita. Não se pode participar de organismos nos quais a Igreja Católica esteja envolvida. Isso significa que o bispo presidente e o secretário do CONIC devem perder seus cargos por serem metodistas (por sinal o culto de posse do secretário foi na Capela do Colégio Americano por ocasião da Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas). Entretanto, neste mês, o metodismo mundial assinou um acordo com a Igreja Católica sobre a justificação pela fé que estava sendo discutido havia 30 anos (veja: fazer ecumenismo discutindo idéias é coisa para séculos). Estavam presentes dois bispos brasileiros recém reeleitos e, ao que me consta, pelo menos um deles foi signatário do acordo. Como fica? Não somos ecumênicos no Brasil, mas fora dele podemos ser? Não podemos participar de organismos em que eles tenham assento, mas continuamos o diálogo. Isso não está proibido.

O IPA está tranqüilo. Não temos nenhum convênio com a Igreja Católica. Além do mais a proibição de igreja para igreja. Não de instituição de ensino para outra instituição.

## REFERÊNCIAS

A COR da Cultura. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br>>. Acesso em: 23 jul. 2006.

AMARAL, Anderson Moreira do. **A Cultura Organizacional do CECUNE: Um estudo de campo**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Administração de Empresas. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2005.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro. *In*: CARONE e BENTO, Iray e Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo** – Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 147-162.

BOFF, Clodovis, OSM. **Comunidade Eclesial – Comunidade Política**: Ensaios de Eclesiologia Política. Editora Vozes: Petrópolis, 1978.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Ecumenismo Institucional e de Base: um diagnóstico a partir da América Latina**. Disponível em: <[http://www.est.com.br/congresso\\_ecumenico\\_2006/textos/Brakemeier%20-%20Ecumenismo%20institucional%20e%20de%20Base.pdf](http://www.est.com.br/congresso_ecumenico_2006/textos/Brakemeier%20-%20Ecumenismo%20institucional%20e%20de%20Base.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2006.

CARDOSO, Marcos. **O Movimento Negro**. Belo Horizonte: Maza Edições, 2002.

CARVALHO, José Jorge de. Ações afirmativas para negros na pós-graduação, nas bolsas de pesquisa e nos concursos para professores universitários como resposta ao racismo acadêmico. *In*: SILVA, Petronilha e SILVÉRIO, Beatriz Gonçalves e Valter Roberto (Orgs.). **Educação e Ações Afirmativas – Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2003, p. 161-192.

CARVALHO, José Jorge e SEGATO, Rita Laura. **Uma Proposta de Cotas para Estudantes Negros na Universidade de Brasília**. Parte 2: A eficácia das cotas



para negros na universidade: uma análise das formas de impacto na academia e na sociedade. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie314empdf.pdf>>. Acesso em: 24 de jul. 2006.

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão Étnica e Racial no Ensino Superior: Um Desafio para as Universidades Brasileiras**. Palestra proferida na II Semana da Consciência Negra da FEEVALE. FEEVALE: Novo Hamburgo, 17 nov. 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie382empdf.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2006.

CENTRO ECUMÊNICO DE EVANGELIZAÇÃO, CAPACITAÇÃO E ASSESSORIA. **Objetivos**. Disponível em: <<http://www.ceca-rs.org/32anos.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2006.

CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS. **Objetivos**. Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/objetivos.php>>. Acesso em: 28 jul. 2006.

CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA IPA. **Histórico**. Disponível em: <[http://www.ipametodista.edu.br/institucional/redeipa/rede\\_historico\\_centro\\_universitario](http://www.ipametodista.edu.br/institucional/redeipa/rede_historico_centro_universitario)>. Acesso em: 25 jul. 2006.

CIRNE, Michelle. **A Negritude que encanta – O Coral do CECUNE: Identidade Étnica e Sociabilidade**. 2004. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2004.

COORDENADORIA ECUMÊNICA DE SERVIÇO. **Objetivos**. Disponível em: <<http://www.cese.org.br/Cese/instituicao.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2006.

CORREA, Norton Figueiredo. Panorama das Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul, p. 9-44, *In*: ORO, Ari Pedro (Org.). **As Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA. **Estatuto do CECUNE**. Porto Alegre, nov. 2005.

CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA. **Estatuto do CECUNE**. Porto Alegre, out. 1992.

CENTRO ECUMÊNICO DE CULTURA NEGRA. **Regimento Interno do Projeto Coral do CECUNE**. Porto Alegre, 2000.

DIRETRIZES Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2005.

FONSECA Júnior, Eduardo. **Dicionário Yorubá** (Nagô-português). Rio Janeiro: Sociedade Yorubana Teológica de Cultura Afro-brasileira, 1983.

FREIRE, Antônio, S. J. **Gramática Grega**. 2ª tiragem da 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOMES e SILVA, Nilma Lino e Petronilha Beatriz Gonçalves. O Desafio da Diversidade, p.13-34, *In* GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha (orgs). **Experiências Étnico-culturais para a formação de professores**. Beatriz Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Disponível em <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>>. Acesso em: 25 de jul. 2006.

IGREJA METODISTA. **Credo Social**. Mensagem recebida por <lilian.lira@ipametodista.edu.br> em 26 de jul. 2006.

IGREJA METODISTA. **Plano para a Vida e a Missão**. Mensagem recebida por <lilian.lira@ipametodista.edu.br> em 26 de jul. 2006.

INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO. **Obejtivos**. Disponível em: <<http://www.iser.org.br>>. Aceso em: 28 jul. 2006.

HERMELINK, Jan. **As Igrejas no Mundo**. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

JACCOUD, Luciana e BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades Raciais no Brasil**: um balanço da intervenção governamental. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/TemasEspeciais/desigualdades/Parte1.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2006.

**Jornal Como é**. Ano 1, ed. nº 03. Porto Alegre: CECUNE, 2º/3º bimestre 1996.

**Jornal Como é**. Ano 1, ed. nº 03. Porto Alegre: CECUNE, out 2004.

**Jornal do CECUNE**. Ano 1, ed. nº 2. Porto Alegre: CECUNE, abr/mai/jun 1994.

KILPP, Nelson (Coord.). **Manual de normas para trabalhos científicos** (baseado nas normas da ABNT). São Leopoldo: EST/ISM, 2006.

LUFT, Pedro Celso. **Mini Dicionário Luft**. 3 ed. São Paulo: Editoras Ática e Scipione, 1991.

MARTINS, Roberto Borges. **Desigualdades raciais no Brasil**. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/pub/Desigualdades\\_raciais.ppt](http://www.ipea.gov.br/pub/Desigualdades_raciais.ppt)>. Acesso em: 04 ago. 2006.

MUNANGA, Kabengele. Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização. *In*: OLIVEIRA, Iolanda. **Cadernos do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (PENESB)**, n. 4. Niterói: EdUFF, 2002, p. 61-84.

\_\_\_\_\_. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa das cotas, *In*: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). **Educação e Ações Afirmativas – Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília:

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2003, p.115-128.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia, In BRANDÃO, André Augusto P.. **Cadernos do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (PENESB)**, n. 5. Niterói: EdUFF, 2002, p. 15-34.

NAVARRO, Juan Bosch. **Para compreender o Ecumenismo**. São Paulo: Editora Loyola, 1995.

**Normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas**. Disponível em: <<http://www.admbrasil.com.br/abnt.htm>>. Acesso em 04 ago.2006.

PAULO II, Papa João. **Mensagem da Campanha Quaresmal da Fraternidade no Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.vatican.edu/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1988/february/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19880218\\_quaresima-brasile\\_po.html](http://www.vatican.edu/holy_father/john_paul_ii/speeches/1988/february/documents/hf_jp-ii_spe_19880218_quaresima-brasile_po.html)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

POLÍTICAS de Promoção da Igualdade Racial na Educação – Exercitando a Definição de Conteúdos e Metodologias. Brasília: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2004.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTA ANA, Júlio H. de. Ecumenismo e Libertação. Série IV – A Igreja, Sacramento de Libertação. **Coleção Teologia e Libertação**, 2 ed. São Paulo: Editora Vozes, 1991.

SANTOS, André Luis. **Identidade Social Gaúcha: A Construção Histórica de um Campo de Disputas Simbólicas**. 2004. Trabalho de Conclusão do Curso de Antropologia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. A questão do acesso na universidade do século XXI, p. 7-9, *In Revista Advir* nº. 19. Rio de Janeiro: ASDUERJ, setembro de 2005.

SILVA, Cidinha da. Ações Afirmativas em Educação: um debate para além das cotas. *In: SILVA, Cidinha da (org.)*. **Ações Afirmativas em Educação – Experiências Brasileiras**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2003, p. 16-38.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Negros na universidade e produção do conhecimento. *In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e SILVÉRIO, Valter Roberto*. **Educação e Ações Afirmativas – Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2003, p.43-54.

SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: história e conteúdo. *In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto*. **Educação e Ações Afirmativas –**

**Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2003, p.21-42.